SET - Ed. 57 - Ano VI - N° 03 - Cr$ 6.500,00

TUDO SOBRE O OSCAR 92!

SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

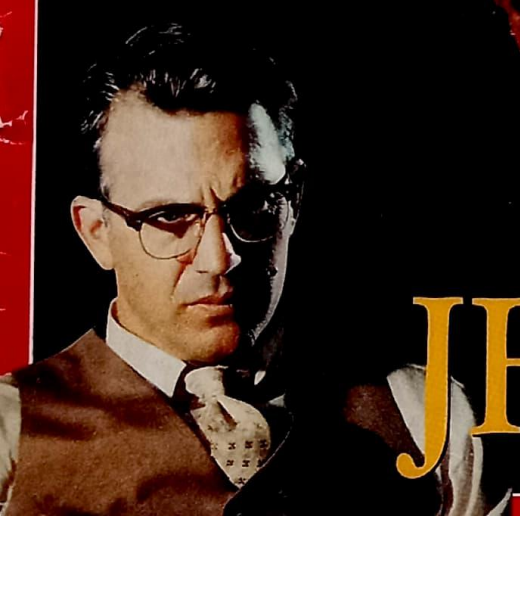
VÍDEO

O SILÊNCIO DOS INOCENTES E DIRTY DANCING

BUGSY

O GÂNGSTER DE HOLLYWOOD

Com Warren Beatty e Annette Bening



JFK

COM KEVIN COSTNER

A Conspiração que Matou John F. Kennedy Segundo a Visão de Oliver Stone

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO

Digital Audio & Video

AIWA®

3-11 Ikenohata 1-chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

Central de Atendimento ao Consumidor
Fone: (011) 815-9144
Rede Nacional de Assistência Técnica

iferença Digital

ogia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Nicolò Paolucci, um novo xodó para senhoras sentimentais

NOSTALGIA

HERÓI DOS COROINHAS

Xodó das Filhas de Maria da década de 50, *Marcelino, Pão e Vinho* era também o filme espanhol mais falado da época. A história didático-cristã do garoto adotado pelos padres foi reescrita para o século XV e refilmada pelo italiano Luigi Comencini. No papel de Marcelino, que foi de Pablito Calvo, mais um ator-mirim para fazer chorar a platéia mundial: **Nicolò Paolucci**.

PIRATA DE HOOK

CARA DE MAU

Columbia Tri-Star

Um pirata como os outros: barba longa, sobrancelhas grossas, hirsuto e fanfarrão. Essas são as dicas para os fãs descobrirem **Glenn Close** entre os "machos" do navio de *Hook*. A ousada estrela espera que a Academia institua o Oscar para "cameo-actress" (atores com pequenas aparições nos filmes), para que ela possa mais uma vez entrar na disputa.

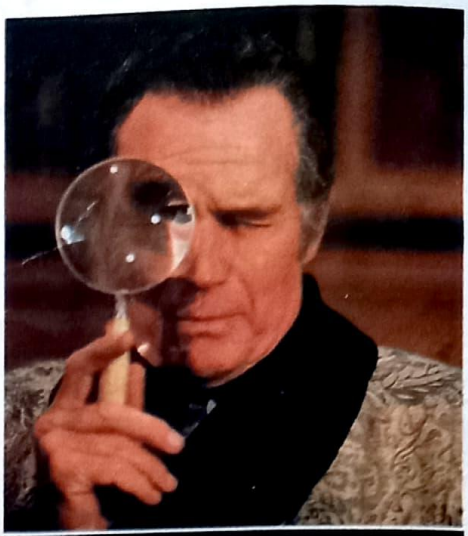
Sean Connery e Tom Cruise vão estar juntos em *Legend of the Fall*, um drama de pais e filhos na virada do século.

Arnold Schwarzenegger caiu agora no cinema político. O diretor Jerry Zucker vai colocá-lo em *Mr. Deitz Goes to Town*.

Jonathan Kaplan, diretor, vai fazer Kurt Russell e Madeleine Stone enfrentar o policial durão Ray Liotta em *Unlawful Entry*.

O cult *The Rocky Horror Picture Show* vai ganhar uma seqüência de 10 milhões de dólares: *Revenge of the Old Queen*.

Geena Davis e Demi Moore vão atacar de *Babbon's Heart*, uma história de amor bizarra entre uma garçonete e um garoto perdido. Não se sabe quem será o rapaz.



SIGMA

O velho detetive: desafio para Heston

SHERLOCK HOLMES

HESTON PAI E HESTON FILHO

Para quem já foi Moisés, Ben Hur, El Cid e enfrentou um planeta inteiro tomado por símios, qualquer outro papel vira "fichinha". **Charlton Heston** ganhou agora boné e cachimbo para recriar Sherlock Holmes num longa para a TV. *The Crucifer of Blood* começa com suicídio e assassinatos na Índia e a solução dos crimes só acontece na Inglaterra trinta anos depois. Detalhe: a direção foi confiada às mãos do filho de Charlton, Fraser C. Heston. Confira no vídeo lançado pela Vídeo Arte.

UIP

JORNADA NAS ESTRELAS VI

BLACK OR WHITE?

O "efeito Michael Jackson" pegou uma carona no cinema. Chegou até as últimas aventuras do pessoal da Enterprise, em *Jornada nas Estrelas VI — A Terra Desconhecida*. Dentre todos os efeitos especiais imagináveis, foi possível ao espectador presenciar uma transformação no mínimo curiosa. A superjambo e modelo Iman toma as formas de William Shatner, o capitão Kirk. Façanha do pessoal da Industrial Light and Magic.

TALISA SOTO

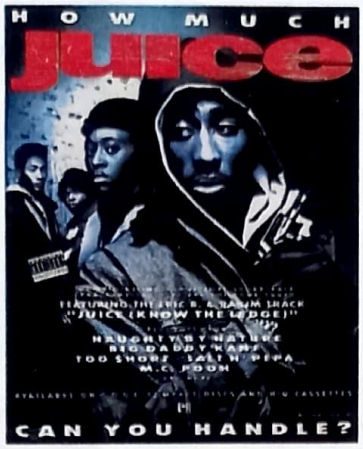
MORENA TROPICANA

Quem assistiu *007 Permissão para Matar* (1989) não deve ter deixado de notar a beleza da personagem Lupe Lamora, namorada de um traficante, que dá uma mãozinha a James Bond (Timothy Dalton). Afinal, a qualquer *bond-girl* que se preze, formosura é um requisito indispensável. Miriam Lisa é o nome verdadeiro desta nova-iorquina nascida no Brooklyn em 27 de março de 1967. Aos 15 anos, procurando emprego durante o verão, ela tornou-se modelo numa das maiores agências de Nova York. Foi quando passou a se chamar Talisa Soto, e depois de uma semana lá estava ela em Paris sendo fotografada por Bruce Weber para a revista *Vogue*. Tratou rapidamente de estudar em Northampton School, em Massachussets. Talisa foi descoberta pelo diretor Paul Morrissey, que a escalou para o filme *Spike of Bensonhurst,* em 1982. Sem demora, começou a estudar Arte Dramática. Essa morena de 1,72m, que ocupa o ranking das mais requisitadas *top models* do mundo, é muito apegada à família, que inclui dois irmãos gêmeos, sendo um policial e o outro bombeiro, e uma irmã mais nova. A mãe é nutricionista e, pelo que se denota, cuidou muito bem da filhona. Em 1992, Talisa poderá ser vista no filme *Os Reis do Mambo,* ao lado de Antonio Banderas.

WARNER

CENSURA

HOLLYWOOD APRESENTA SUAS ARMAS



Provocou intensa polêmica nos Estados Unidos a decisão tomada pelo departamento de marketing da Paramount Pictures dias antes do lançamento de *Juice*, a estréia como diretor de Eric R. Dickerson, responsável pela fotografia de todos os filmes de Spike Lee. Alegando que temia estar incitando violência com a arte original da campanha do filme, o estúdio eliminou do cartaz um revólver empunhado por um dos personagens de *Juice*.

De fato, mesmo com o revólver exorcizado dos cartazes, grupos de arruaceiros provocaram incidentes violentos em cidades como Chicago, Cheltenham e Nova York, causando um total de quatro feridos e um morto. Quem apoiava a decisão da Paramount meio que respirou aliviado com as poucas baixas: porque *Juice* lida, entre outros temas, com violência urbana e gangues, a brigada alarmista de Hollywood antevia combates de dimensões apocalípticas.

Só não ficou especialmente clara a razão de o revólver do cartaz de *Juice* ter sumido tão rápido quando estão nas paredes dos cinemas, nos outdoors, nas páginas de revistas, cartazes de *Kuffs* — comédia policial com Christian Slater — em que o astro principal aparece empunhando uma pistola automática. E rindo. Sem contar Kathleen Turner no cartaz de seu filme *Bonita e Perigosa* (*V. I. Warshawski*). O que se pergunta é: por que uns podem e outros não?

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Jonathan Demme de novo cuidando dos loucos. *Crazy for You* é a história de um doente mental que protege um expatriado.

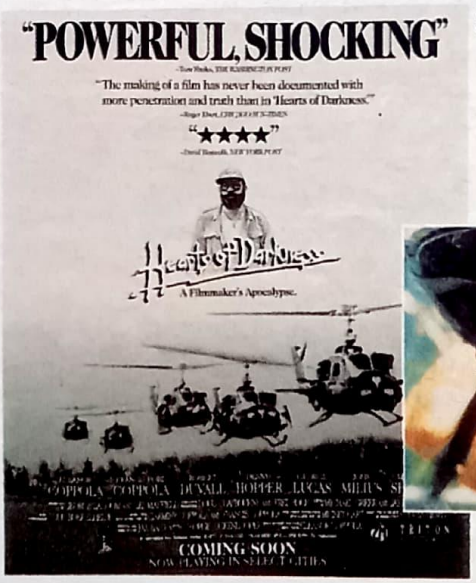
Melanie Griffith será uma policial no thriller de Sidney Lumet, *Close to Eden*.

Oliver Stone não pára de trabalhar. Depois da polêmica sobre *JFK*, ele ataca com a terceira parte de sua trilogia sobre o Vietnã: as filmagens de *Where the Sky Meets the Earth* já começaram.

APOCALYPSE NOW

DIÁRIO DAS FILMAGENS

Quem viu, vibrou! *Hearts of Darkness* é um documentário sobre os bastidores do filme-mito da década de 70, *Apocalypse Now*. O filme tornou-se mitológico não só pela história que conta, mas também por tudo que aconteceu atrás das câmeras... É possível medir o emagrecimento rápido do diretor Coppola durante o tempo que passou nas Filipinas tentando administrar todo tipo de contratempo; Marlon Brando se recusava a usar um certo chapéu; Harvey Keitel precisou ser substituído apressadamente; Dennis Hopper passava dopado as 24 horas do dia; **Martin Sheen** chegou a enfrentar um ataque cardíaco. Apocalipse ou pesadelo, as filmagens foram quase um desastre e talvez por isso mesmo o produto final já tornou-se lendário. As filmagens de *Hearts of Darkness* foram feitas pela mulher de Coppola, Eleanor.



Martin Sheen em *Apocalypse Now*

"Para não precisar assistir mais nenhum filme de Oliver Stone"

PAULINE KAEL, crítica de cinema, informando uma das razões de sua aposentadoria, em 1991.

SYGMA

Depois das drogas e do cinema, a poesia como escape dos fantasmas de Ally Sheedy

ALLY SHEEDY

MEMÓRIAS DE UMA GAROTA-PROBLEMA

História pra contar ela tem. Antes mesmo de aparecer na lista dos *brat-pack* (o bando de fedelhos), **Ally Sheedy** , 28 anos, já havia entrado (e saído) de uma clínica de desintoxicação por causa de sua dependência com as drogas. A terapia foi financiada por sua amiga Demi Moore. A pequena Ally apareceu primeiro em *Jogos de Guerra,* depois em *Clube dos Cinco*, e *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*. Mais recentemente, pôde ser vista em *Mamãe Não Quer que Eu Case*, como a namoradinha do peso pesado John Candy. Em 1991, resolveu tornar-se poeta e lançou seu primeiro livro, *Yesterday I Saw the Sun*.

ENQUETE

PREFERÊNCIA (INTER)NACIONAL

Para descobrir qual a contribuição que o cinema americano deu ao mundo, a revista *Premiere* perguntou a profissionais estrangeiros quais os seus filmes americanos favoritos. Escolheu dois brasileiros: **Cacá Diegues**, que escolheu *Cidadão Kane* ("Se eu tivesse de escolher uma única razão de ter orgulho do ramo de negócios ao qual pertenço, essa razão seria *Cidadão Kane*") e **Hector Babenco** que, além do mesmo *Cidadão*, escolheu ainda *Touro Indomável*, *Apocalypse Now* e *... O Professor Aloprado*, com Jerry Lewis.

JOSÉ LUIZ FAGIOLO / AZUL

LUIZINHO CORUJA / ABRIL

ZOOM ZOOM ZOOM

• Muito se fala sobre os salários de milhões de dólares dos poderosos astros de Hollywood, mas pouco se comenta o que cada um deles ganha "por fora", as mordomias etc.

• Jack Nicholson, durante as filmagens de *Ironweed* (1987), gastou cerca de 800 mil dólares em "despesas pessoais".

• Elizabeth Taylor ganhava um "presentinho" (de 250 a 2 000 dólares cada) por dia que gastou no set de *Poker Alice* (1987).

• James Woods exigiu a presença permanente de seu cabeleireiro quando filmou *The Hard Way* (*Aprendiz de Feiticeiro*, 1991): 6 000 dólares por semana.

• Mel Gibson, cada vez que vem filmar na América, manda trazer da Austrália seu clã inteiro: a mulher, seis crianças, babá e governanta. Custo: 212 815 dólares pela primeira classe *inteira*.

(Fonte: *Empire*)

OLHO VIVO

GUARDA-ROUPA INSTANTÂNEO

Gustavo Abruzzini de Barros, de Valença, RJ, estava atento a uma cena de julgamento do filme de Joseph Ruben, *Justiça Corrupta* (LK-Tel/Columbia), quando notou que na troca da 1ª para a 2ª testemunha todo o elenco muda instantaneamente de roupa. O próprio James Woods, que exibia um vistoso terno azul-marinho, aparece, de repente, com um outro totalmente diferente. Uma mancada fenomenal!

IVAN CARNEIRO / AZUL

CAMPEÕES DE ARRECADAÇÃO

OS DEZ MAIS

Esqueceram de Mim, com seus 282 milhões de dólares feitos na América do Norte, é o filme de maior bilheteria de todos os tempos, certo? Errado! Para chegar às dez maiores arrecadações de todos os tempos, com a devida inflação corrigida, os estudiosos contam apenas os dólares que chegam aos estúdios, ou seja, o aluguel (*rental*) que o exibidor paga. Sendo assim, para figurar entre os dez mais, a epopéia de Macaulay Culkin precisaria render na bilheteria, ainda, mais 160 milhões de dólares. No box acima, confira os números.

AS DEZ MAIORES ARRECADAÇÕES (em dólares)

1) *Guerra nas Estrelas* (1977): 393.210.000
2) *E.T.* (1982): 336.860.000
3) *Tubarão* (1975): 311.440.000
4) *A Noviça Rebelde* (1965): 310.890.000
5) *O Poderoso Chefão* (1972) 260.630.000
6) *... E o Vento Levou* (1939): 259.220.000
7) *O Exorcista* (1973): 249.810.000
8) *O Retorno de Jedi* (1983): 236.390.000
9) *O Império Contra-Ataca* (1980): 230.650.000
10) *Golpe de Mestre* (1973): 220.160.000

Fonte: *Premiere*

STILL

"Definitivamente, eu não estarei em* Drácula. *É pornografia demais para mim"

SOFIA COPPOLA, explicando por que não vai ter um papel no próximo filme de *daddy* Francis.

VIDEOTECA

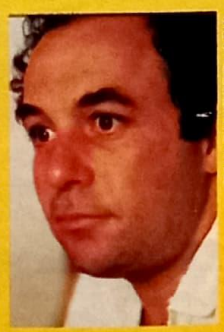
OS MEUS OSCARIZADOS PREFERIDOS

PEDRO GOMES / AZUL

ROBERTO GERVITZ, 34 anos, diretor de *Feliz Ano Velho* (1987). "Tem alguns filmes premiados com o Oscar que são geniais. Dentre eles, eu escolho *Lawrence da Arábia* (LK-Tel/Columbia) e *A Filha de Ryan* (Vídeo Arte), ambos de David Lean; *Quem Tem Medo de Virginia Wolf?* (Warner); *Cabaret* (F.J.Lucas); *O Mágico de Oz* (Vídeo Arte); *A Última Sessão de Cinema*; e *Um Estranho no Ninho* (Condor).

LUIZINHO CORUJA / ABRIL

WALTER HUGO KHOURI, 62 anos, diretor de *Noite Vazia* (1964) e *Amor, Estranho Amor* (1982). "Os filmes indicados ou premiados pelo Oscar são tão ruins que é difícil escolher alguma coisa boa entre eles. Mesmo assim eu destacaria *Cidadão Kane* (Realbrás); *Fanny e Alexandre* (Poletel); *O Franco-Atirador* (VTI), um trabalho muito interessante de Michael Cimino; *Amarcord* (Warner); *Tess* (VTI); *Hannah e Suas Irmãs* (LK-Tel/Columbia); *Se Meu Apartamento Falasse* (Warner); e *Mephisto* (Poletel).



PAULO MARCOS / AZUL

JÚLIO BRESSANE, 46 anos, diretor de *Tabu* (1982), *Brás Cubas* (1985) e *Os Sermões do Padre Vieira* (1989). "É muito difícil lembrar os meus oscarizados preferidos ao longo de tantos anos de prêmios, sem deixar filmes muito bons de fora. Mas alguns clássicos para o cinema e para mim são *Cidadão Kane* (Realbrás); *Quanto Mais Quente Melhor* (Warner); *Ben Hur* (Vídeo Arte); *Spartacus* (CIC); o magnífico *Jezebel* (Warner); e *Um Lugar ao Sol* (CIC).

EM CARTAZ: O MUNDO!

Veja o que está chegando com o novo vídeo Panasonic:

- Reprodução de fitas em PAL-M, NTSC e PAL Europeu*
- Gravação também em NTSC, para edições com câmeras.
- Panasonic. Qualidade e prazer em vídeo.

*Reproduções em PAL Europeu são incompatíveis com alguns modelos de TV.

F66 BR

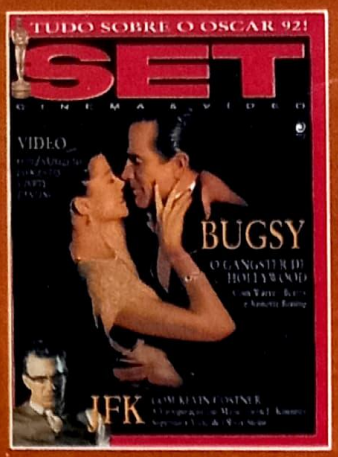
J48 BR

- Controle Remoto com Jog & Shuttle.
- Hi-Fi Stereo Sound System.

À venda na Zona Franca de Manaus

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992



Na capa: Annette Bening e Warren Beatty em *Bugsy* (Columbia Tri-Star) e Kevin Costner em *JFK — A Pergunta que Não Quer Calar* (Warner)

18

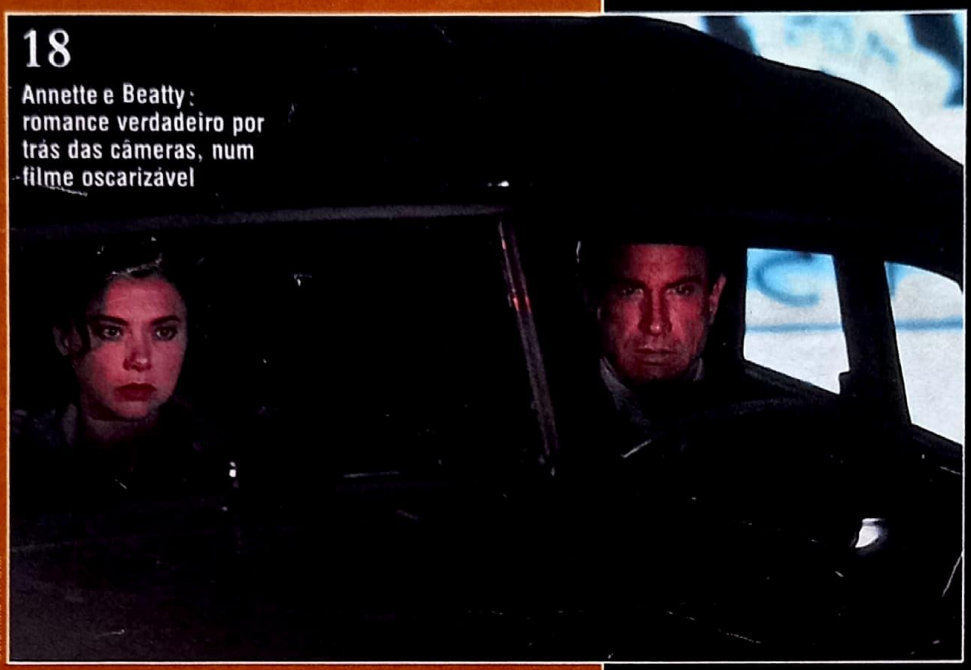
Annette e Beatty: romance verdadeiro por trás das câmeras, num filme oscarizável

22

A dança escandalosa de Patrick Swayze e Jennifer Grey em *Dirty Dancing*

32

Kevin Costner e a pergunta capciosa de *JFK*: quem matou Kennedy, de verdade?



Columbia Tri-Star

Vision

Warner

Grand Prix, com James Garner, está na seleção O Oscar Escondido, aqueles premiados perdidos na prateleira da Academia. Acompanhe nesta edição nossos prognósticos do Oscar 92

4 TAKES

14 OSCAR 1992

18 BUGSY
Amigo Público N.° 1
Warren Beatty e Annette Bening na história do gângster real mais simpático de Hollywood

22 VIDEOLANÇAMENTOS
Dirty Dancing — Ritmo Quente

24 OUTROS LANÇAMENTOS
O Silêncio dos Inocentes, Como Conquistar as Mulheres, Não Amarás, Edward, Mãos de Tesoura, O Pequeno Diabo

32 JFK
Quem de fato matou Kennedy?
Oliver Stone responde

36 NOVOS FILMES
A Última Tempestade, De Salto Alto, Louca Obsessão, Mississippi Masala **e outros**

46 VÍDEO
O Oscar Escondido
Uma seleção com os grandes filmes premiados e esquecidos

52 TRILHAS
Superbandas de rock fazem o fundo musical para *Até o Fim do Mundo*, de Wim Wenders

54 EQUIPAMENTOS
Videofone
A Vida Imita a Arte

57 CARTAS

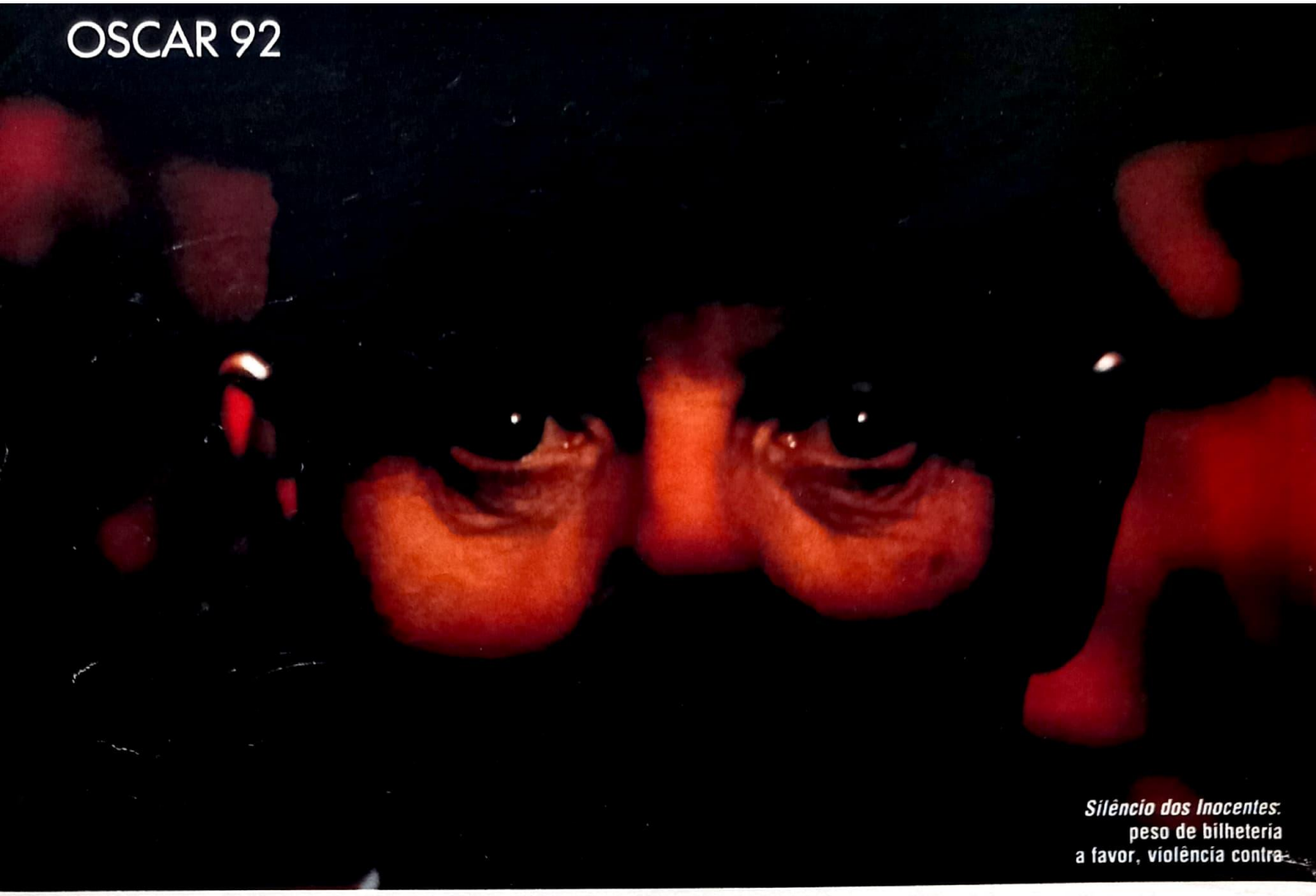
58 NOSTALGIA

CINE MTV. Todas as dicas para você

não ir *ao cinema* no escuro.

Entrevistas - críticas - lançamentos em vídeo - making off - bastidores - estréias - bilheterias - novidades de Hollywood

Quintas-feiras às 19h30, e reprise aos sábados às 15h30.



Silêncio dos Inocentes: peso de bilheteria a favor, violência contra

Duelo de Titãs

O Oscar de 1992 não tem apenas um favorito, mas três filmes que podem levá-lo para casa, além de outros correndo por fora

É um ritual que se repete há exatos 64 anos e cujos mecanismos dois terços do planeta conhecem relativamente bem. Nem por isso diminui o alarde ou a surpresa em torno dos prêmios Oscar. Tampouco é menor o interesse do público ou o fascínio de conhecer a lista de indicados e ganhadores. Para a indústria de cinema, o Oscar é ao mesmo tempo termômetro de popularidade e prestígio, aval entre iguais e trampolim para um sucesso de bilheteria maior do que o alcançado até então por um determinado filme.

Para o público, sempre vendo tudo isso como mero espectador, o Oscar tem o mesmo apelo da final de um campeonato esportivo — é, no fim das contas, um confronto que consagra vencedores e expõe os perdedores —, mas com uma dose adicional de glamour e fantasia. E tem mais: o enredo dessa história pode ser sempre o mesmo, mas os personagens mudam a cada ano. É como acompanhar anualmente os desfiles das escolas de samba, mas na certeza de que cada vez será visto um elenco de desfilantes completamente novo.

Este ano, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas teve de es-

Fotos Columbia Tri-Star

Bugsy: clássico "à moda antiga", excelente roteiro

Príncipe das Marés: "cara de Oscar"

colher seus votos dentre 238 filmes elegíveis — um número recorde que contrasta, de certa forma, com o choramingar incessante da indústria, lamentosa por um faturamento 8% inferior ao da temporada 1989/90, o que faz de 1991 o pior desempenho de Hollywood nos últimos quinze anos.

Tantos filmes, porém, não impõem, necessariamente, uma tarefa tão mais árdua aos acadêmicos que decidem os vencedores do Oscar. É quase irreal — embora fosse o ideal — esperar que *todos* os votantes tenham assistido *todos* os filmes. Vistos um por dia, sobrariam aos acadêmicos pouco menos de cinco meses em todo um ano para outras atividades. É assim, portanto, que a maior arma de um candidato ao Oscar acaba sendo a visibilidade: quanto mais badalado o filme dentro da própria indústria, mais chances ele tem de ser visto e considerado para uma indicação.

Não espere justiça. Como bem observou uma atenta e felpuda raposa do *The Los Angeles Times* — o diário que mais se ocupa dos bastidores do cinema em todo o mundo, *et pour cause* —, "as pessoas da (indústria) se preocupam, em primeiro lugar, em descobrir quem ganhará o prêmio e não quem o merece".

A safra de onde sairão os vencedores deste ano adiciona um agravante. Não há um único favorito — como, por exemplo, foi *Dança com Lobos* — que permita desvendar boa parte dos votos antes mesmo que eles sejam escolhidos. Nada menos que três filmes concentram a maior parte das expectativas de voto: *Bugsy*, *O Príncipe das Marés* e *O Silêncio dos Inocentes* têm chances quase idênticas de disputar as principais categorias do Oscar. Para tornar as adivinhações mais difíceis, dois outros filmes correm por fora, cada um com seus trunfos e seus empecilhos: *Beauty and the Beast* pode tornar-se o primeiro desenho animado a ser reconhecido pela Academia nas categorias mais nobres, mas sua própria natureza pode condená-lo à Sibéria dos prêmios técnicos: os atores também votam no Melhor Filme. E *JFK* — o mais recente *agit-prop* do mestre da controvérsia Oliver Stone (esse cara deveria dar aulas a Madonna) —, por mais qualidades que tenha, talvez seja polêmico demais para o Oscar.

FAÍSCAS — Na categoria Melhor Filme, Hollywood formou um consenso de que *O Príncipe das Marés*, de todos os concorrentes, tem mais "cara de Oscar": é um superdrama que parece ser profundo sem exigir muito da massa cinzenta. É seriedade pop embrulhada em açúcar-cândi visual. *O Silêncio dos Inocentes* tem contra si o fato de ter saído cedo demais, quase um ano antes da votação, e talvez seja violento demais para o acadêmico mediano, mas sua popularidade — foi a quarta maior bilheteria do ano nos Estados Unidos — garantiu uma visibilidade na conta para, no mínimo, um punhado de indicações. *Bugsy* também não ficará de fora do Oscar, embora suas chances não se resumam a essa categoria. É um filme já clássico, feito "à moda antiga", com um dos roteiros mais bem escritos de 1991, estrelado por um casal que provoca faíscas na tela, Warren Beatty e Annette Bening.

Que ninguém desmaie de surpresa se Barbra Streisand papar o Oscar de Melhor Direção: ela tem as mesmas probabilidades de vencer que Barry Levinson (*Bugsy*), Jonathan Demme (*O Silêncio dos Inocentes*), e mais até do que Oliver Stone, Terry Gilliam (*O Pescador de Ilusões*) e — cáspite! —

Martin Scorsese (*Cabo do Medo*). De todos, ninguém é mais *establishment* do que Streisand, e, como o filme dela tem chances de sobra para prevalecer na votação final, reservar essa estatueta para Barbra faz todo o sentido do mundo. Não que ela seja uma *darling* da Academia: em sua carreira, Streisand colecionou bem mais troféus Grammy — como cantora — do que Oscar. O primeiro Oscar que Streisand recebeu foi por sua estréia como atriz — em 1968, por *Funny Girl* —, o segundo foi pela quebra de uma tradição — virou a primeira compositora a ganhar um Oscar de Melhor Canção, por "Evergreen", tema de *Nasce uma Estrela*. É só. Por isso Hollywood acredita que "está na hora" de o Oscar "fazer as pazes" com Barbra, e *O Príncipe das Marés*, no mínimo, é o melhor pretexto.

A disputa pelo Oscar de Melhor Ator se concentrará em Nick Nolte (*O Príncipe...*), Warren Beatty (*Bugsy*) e Anthony Hopkins (*O Silêncio dos Inocentes*). Embora, de todos, Hopkins seja o maior merecedor do prêmio — seu canibal já pode ser considerado um imortal do cinema —, não é nada improvável que este Oscar acabe indo enfeitar a lareira de Nolte. Seria um voto conservador, um Oscar "careta", por assim dizer. Mas como no ano passado Jeremy Irons — o "medium" de Claus Von Bullow em *O Reverso da Fortuna* — deixou todo mundo a ver navios — e como agora Hopkins encontra-se em posição de prestígio e merecimento semelhante, Anthony ainda tem um tantão de vantagem.

Na escolha da Melhor Atriz a preferência é a menos fácil de se antever. São iguais as chances de Jodie Foster (*O Silêncio...*), Susan Sarandon, Geena Davis (ambas por *Thelma & Louise*) e Michelle Pfeiffer (*Frankie & Johnny*). Susan e Geena podem se prejudicar com a "temática controversa" de seu filme, de um teor feminista e libertador que despertou mais discussões — capa da revista *Time*, inclusive — do que o titio Oscar gostaria de ver seus pupilos participar. Apesar de representar o principal papel feminino de *O Príncipe das Marés*, dificilmente Barbra Streisand entrará nessa parada. Talvez nem queira, preferindo ser lembrada mais como diretora do que como atriz.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Columbia Tri-Star

***O Pescador de Ilusões*, de Terry Gilliam, concorre na categoria de Melhor Ator**

Columbia Tri-Star

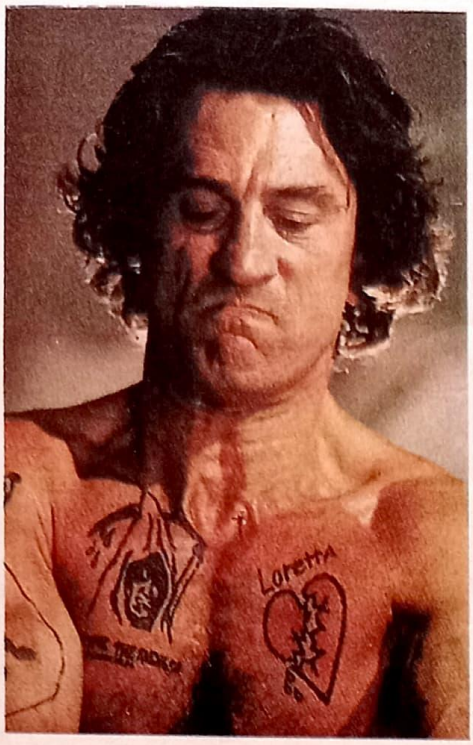
UIP

Barbra pode ganhar com seu *Príncipe das Marés*

UIP

Columbia Tri-Star

Geena, Susan e Jodie competem com chances iguais



UIP

De Niro tem chances com *Cabo do Medo*

Michelle e Pacino: sem indicações

Studio Disney

***Beauty and The Beast*: correndo por fora**

AS INDICAÇÕES

FILME

A Bela e a Fera • *Bugsy* • *JFK* • *O Príncipe das Marés* • *O Silêncio dos Inocentes*

DIRETOR

John Singleton *(Boyz'N the Hood)* • Barry Levinson *(Bugsy)* • Oliver Stone *(JFK)* • Jonathan Demme *(O Silêncio dos Inocentes)* • Ridley Scott *(Thelma & Louise)*

ATOR

Warren Beatty *(Bugsy)* • Robert De Niro *(Cabo do Medo)* • Anthony Hopkins *(O Silêncio dos Inocentes)* • Nick Nolte *(O Príncipe das Marés)* • Robin Williams *(O Pescador de Ilusões)*

ATRIZ

Geena Davis *(Thelma & Louise)* • Laura Dern *(As Noites de Rose)* • Jodie Foster *(O Silêncio dos Inocentes)* • Bette Midler *(Para Eles com Muito Amor)* • Susan Sarandon *(Thelma & Louise)*

ATOR COADJUVANTE

Tommy Lee Jones *(JFK)* • Harvey Keitel *(Bugsy)* • Ben Kingsley *(Bugsy)* • Michael Lerner *(Barton Fink)* • Jack Palance *(Amigos... Sempre Amigos)*

ATRIZ COADJUVANTE

Diane Ladd *(As Noites de Rose)* • Juliette Lewis *(Cabo do Medo)* • Kate Nelligan *(O Príncipe das Marés)* • Mercedes Ruehl *(O Pescador de Ilusões)* • Jessica Tandy *(Fried Green Tomatoes)*

FILME ESTRANGEIRO

Children of Nature (Islândia) • *The Elementary School* (Tchecoslováquia) • *Mediterraneo* (Itália) • *The Ox* (Suécia) • *Lanternas Vermelhas* (Hong Kong)

ROTEIRO ORIGINAL

Boyz'N the Hood (John Singleton) • *Bugsy* (James Toback) • *O Pescador de Ilusões* (Richard LaGravenese) • *Grand Canyon* (Lawrence Kasdan e Meg Kasdan) • *Thelma & Louise* (Callie Khouri)

ROTEIRO ADAPTADO

Filhos da Guerra (Agnieszka Holland) • *Fried Green Tomatoes* (Fannie Flagg e Carol Sobrieski) • *JFK* (Oliver Stone e Zachary Sklar) • *O Príncipe das Marés* (Pat Conroy e Beck Johnston) • *O Silêncio dos Inocentes* (Ted Tally)

FOTOGRAFIA

Bugsy (Allen Daviau) • *JFK* (Robert Richardson) • *O Príncipe das Marés* (Stephen Goldblatt) • *O Exterminador do Futuro 2* (Adam Greenburg) • *Thelma & Louise* (Adrian Biddle)

MAQUIAGEM

Hook (Christina Smith, Montague Westmore e Greg Cannom) • *Jornada nas Estrelas VI* (Michael Mills, Edward French e Richard Snell) • *O Exterminador do Futuro 2* (Stan Winston e Jeff Dawn)

TRILHA SONORA

A Bela e a Fera (Alan Menken) • *Bugsy* (Ennio Morricone) • *O Pescador de Ilusões* (George Fenton) • *JFK* (John Williams) • *O Príncipe das Marés* (James Newton Howard)

CANÇÃO

"Beauty and the Beast", de *A Bela e a Fera* (Alan Menken e Howard Ashman) • "Belle", de *A Bela e a Fera* (Alan Menken e Howard Ashman) • "Be Our Guest", de *A Bela e a Fera* (Alan Menken e Howard Ashman) • "(Everything I Do) I Do It for You", de *Robin Hood: o Príncipe dos Ladrões* (Michael Kamen, Bryan Adams e Robert John Lange) • "When You're Alone", de *Hook* (John Williams e Leslie Bricusse)

DIREÇÃO DE ARTE

Barton Fink (Dennis Gassner e Nancy Haigh) • *Bugsy* (Dennis Gassner e Nancy Haigh) • *O Pescador de Ilusões* (Mel Bourne e Cindy Carr) • *Hook* (Norman Garwood e Garrett Lewis) • *O Príncipe das Marés* (Paul Sylbert e Caryl Heller)

FIGURINO

A Família Addams (Ruth Myers) • *Barton Fink* (Richard Hornung • *Bugsy* (Albert Wolsky • *Hook* (Anthony Powell) • *Madame Bovary* (Corrine Jory)

EDIÇÃO

Os Commitments (Gerry Hambling) • *JFK* (Joe Hutshing e Pietro Scalia) • *O Silêncio dos Inocentes* (Craig McKay) • *O Exterminador do Futuro 2* (Conrad Buff, Mark Goldblatt e Richard A. Harris) • *Thelma & Louise* (Thom Noble)

SOM

Backdraft — Cortina de Fogo (Gary Summers, Randy Thom, Gary Rydstrom e Glenn Williams) • *A Bela e a Fera* (Terry Porter, Mel Metcalfe, David J. Hudson e Doc Kane) • *JFK* (Michael Minkler, Gregg Landaker e Tod A. Maitland) • *O Silêncio dos Inocentes* (Tom Fleishman e Christopher Newman) • *O Exterminador do Futuro 2* (Tom Johnson, Gary Rydstrom, Gary Summers e Lee Orloff)

EFEITOS DE SOM

Backdraft — Cortina de Fogo (Gary Rydstrom e Richard Hymns) • *Jornada nas Estrelas VI* (George Watters II e F. Hudson Miller) • *O Exterminador do Futuro 2* (Gary Rydstrom e Gloria S. Borders)

BUGSY

Amigo Público Nº 1

O novo filme estrelado por Warren Beatty conta a história verdadeira do bandidão boa-pinta que fez a vida na meca do cinema

Pouco antes da meia-noite do dia 20 de junho de 1947, o gângster Benjamin "Bugsy" Siegel chegou a sua mansão em Beverly Hills, sentou-se para ler jornais, e foi fuzilado. Pelas costas. Na cabeça. Terminava ali a trajetória do mafioso que queria ser astro de Hollywood.

Ou quase. Ao aterrissar em Los Angeles para expandir os negócios do sindicato do crime — uma "empresa", até então, tipicamente *east coast* —, Benjamin apaixonou-se por Hollywood, em geral, e por Virginia Hill, em particular: uma *starlet* promíscua, mas tentadora e inteligentíssima. Impulsionado pela paixão por Virginia e pelo desejo de ser tratado não como um gângster, mas como um ídolo das telas — ele chegou a fazer um teste, em celulóide —, Siegel confraternizou com as celebridades mais famosas de seu tempo — era amigo, entre muitos outros, de Gary Cooper e Cary Grant — e deu um rosto glamouroso ao banditismo. Bonitão e vaidoso, com seus ternos e camisas de alfaiate caro, suas unhas feitas e seu magnetismo, Siegel poderia passar por um de seus amigos do cinema: não fossem o três-oitão, a sociedade com Meyer Lanski e Lucky Luciano e a personalidade psicótica.

Mas Ben não era um mero criminoso metido a gostosão do cinema. Ele tinha uma visão. Siegel foi um dos primeiros a acreditar na transformação de um pedaço do deserto de Nevada em paraíso do jogo. Siegel queria ser o primeiro a tirar partido dos benefícios que traria para a região a construção da Represa Hoover — uma obra do governo Roosevelt que levou para o deserto água e eletricidade em fartura — e mandou construir um misto de cassino e hotel onde os clientes pudes-

sem torrar fortunas enquanto não faziam o mesmo com os próprios corpos sob o sol do deserto, à beira da piscina, ou quando não se divertiam dançando ao som da orquestra de Xavier Cugat. Sem saber que meio século mais tarde aquela região geraria lucros de 600 bilhões de dólares anuais, Siegel estava plantando as sementes de Las Vegas.

Essa história de homem empreendedor — assassino, mas visionário e extremamente charmoso — vem fascinando Hollywood não é de hoje, e a nova versão reúne Warren Beatty e Annette Bening nos papéis principais. Tocado pelo mesmo time de *Rain Man* e *Avalon* — o diretor Barry Levinson e o produtor Mark Johnson —, o projeto segue à risca a cronologia de Siegel do momento em que ele chega a Los Angeles até sua morte, em 1947.

O roteirista James Toback levou sete anos afinando o script de *Bugsy*, debaixo de uma saraivada incessante de telefonemas de Beatty, que deu o chute inicial. Dia após dia, semana após semana, tocava o telefone no apartamento nova-iorquino de Toback, sempre nas horas mais impróprias. Invariavelmente, era Warren cobrando o roteiro. "Chegou uma hora que o script de *Bugsy* virou motivo de piada entre meus amigos", recorda-se hoje o roteirista. "As pessoas me telefonavam perguntando o que eu estava fazendo, e, sempre, sempre, eu estava trabalhando naquele script. Ainda!" A possibilidade de também dirigir *Bugsy* era um atrativo adicional, e Beatty não deixava James esquecer que outros projetos de filme sobre Siegel já circulavam em Hollywood, pondo em perigo todo o trabalhão que já haviam tido até ali. Com a faca no pescoço, James entregou o script em 1990, após uma sessão-maratona em que reescreveu todo o roteiro (perdido dias antes, depois de pronto!) em quatro dias e quatro noites. Mas perdeu a direção para Barry Levinson.

A vida de Bugsy é um interesse antigo de Beatty, embora descrito em termos tipicamente vagos pelo ator. "Desde que me mudei para cá", diz ele, nascido na Virginia, "ouço falar de Bugsy Siegel e Mickey Cohen (braço direito de Benjamin em Los Angeles), porque eles eram... gente de Hollywood. E a construção de Las Vegas tem um enorme significado na estrutura econômica e política dos Estados Unidos. Esse filme trata de um assunto sério: muito da força que mo-

Bugsy (Beatty), o bandido-galã, e sua musa do showbiz (Annette Bening), acima. Ele até cozinha para os amigos

Fotos Columbia Tri-Star

via Bugsy não difere muito do que move o mundo de negócios norte-americano hoje em dia, de Wall Street, ou mesmo da política. A criação de Las Vegas é um símbolo do capitalismo." Talvez Beatty não se esqueça de que até 1925 nos Estados Unidos a palavra "gangster" era uma gíria usada para denominar políticos.

E, de fato, Siegel era um ferrenho defensor do *american way of life*. Mostra-se no filme a profunda aversão de Benjamin pelo fascismo e por Mussolini, cujo assassinato o gângster chega a planejar.

"Não vou dizer que ele fracassou como astro de Hollywood", diz o diretor Barry a respeito de Bugsy, "porque ele nem sequer chegou a levar adiante o que poderia se chamar de uma carreira como ator. Mas ele transplantou aquele glamour do mundo do cinema para Las Vegas, para o deserto, onde ele seria o rei, e Virginia Hill seria a rainha; eles podiam ser superastros no deserto."

Fotos Columbia Tri-Star

PEDRA FUNDAMENTAL — Não seria, porém, no mínimo perigoso romantizar um personagem que, no fim das contas, é um assassino psicótico? "Tive dúvidas semelhantes antes de fazer *Bonnie & Clyde*", admite Beatty, referindo-se ao clássico do cinema que co-estrelou com Faye Dunaway e que também enfocava um casal de bandidos. "Esse tipo de filme glamourizaria os fora-da-lei? Apoiaria o que eles fizeram ou fazem? Por outro lado, Bugsy era uma pessoa muito querida. E um filme precisa mostrar todos os lados da questão. E é uma história verdadeira."

"Não digo que estejamos celebrando um matador psicótico com esse filme", defende-se Beatty, "mas à medida que se explora o personagem, você é capaz de achar coisas emocionantes, comoventes."

Filmado com um *look* clássico dos anos 40, o roteiro de Toback segue Benjamin a partir da mudança para Beverly Hills, onde ele se associa a Mickey Cohen (Harvey Keitel, ironicamente o Bugsy de uma versão antiga da história filmada em 1974 pela rede de TV NBC) e cai de amores por Virginia Hill no momento em que a vê trabalhando num estúdio, para onde é levado pelo amigo de infância — e astro do cinema — George Raft (Joe Mantegna). Sempre protegido pelo mentor Meyer Lanski (Ben Kingsley, de *Ghandi*), Benjamin convence seus associados a gastar um milhão de dólares na construção do Hotel Flamingo (o nome é uma referência à figura longilínea da amante Virginia). Quando dão por si, os gangsters já desembolsaram cinco milhões de dólares e o hotel ainda não ficou pronto. Pior ainda, dois milhões do investimento — quase dez vezes mais, em dinheiro de hoje — são encontrados numa conta numerada aberta em segredo num banco suíço. Em nome de Virginia Hill. De quem é a culpa? E quem vai pagar por isso?

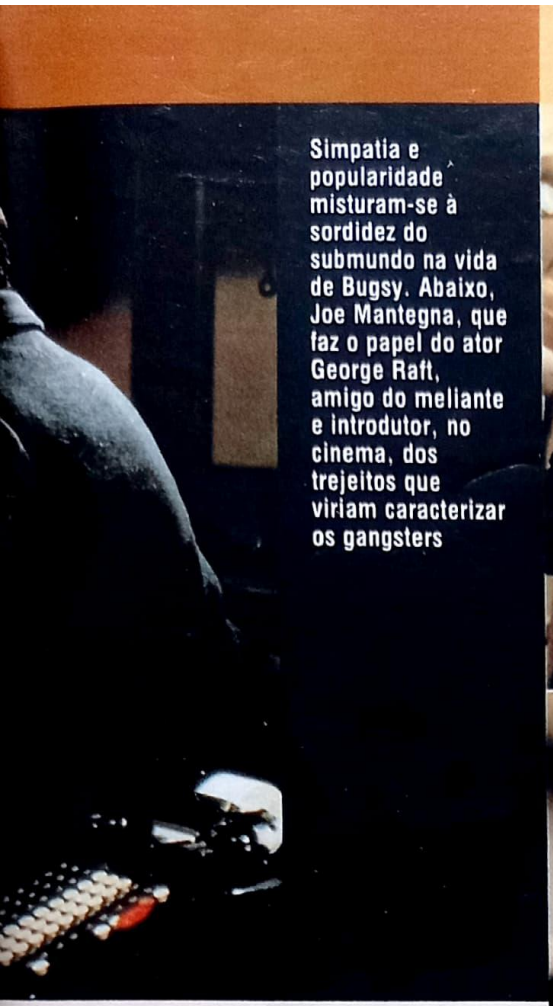
"Ela era fascinada por esse homem", explica Annette Bening, a respeito de Virginia. "Era fascinada pela violência dele — aquilo a excitava ao mesmo tempo que a intrigava. Também tinha medo daquilo, porque sabia que ele era um homem que se vestia bem, nunca falava palavrões, era muito bonito, tinha dinheiro, charme, circulava entre a nata de Hollywood, mas que era, também, um louco. E ela o amava, porque conhecia esses dois lados. E os dois se amavam porque se enxergavam um no outro."

"Ela era uma mulher muito forte", prossegue Annette, falando de um dos papéis femininos mais elogiados do ano passado. "Era verdadeiramente liberada para aquela época."

Manter-se fiel aos anos 40 — o mesmo visual, a mesma atmosfera — foi um dos fatores preponderantes na realização de *Bugsy*. As roupas vestidas por Beatty eram cópias fiéis do guarda-roupa de Siegel — monogramas no isqueiro, inclusive —, e, diante de uma cidade onde o passado arquitetônico raramente é preservado, a produção não hesitou em recriar interiores artificiais em estúdio.

Bugsy Siegel pode ter gasto cinco vezes mais do que o planejado para incrustar a pedra fundamental de Las Vegas no deserto de Nevada. Mas o controle financeiro de Hollywood é bem mais exigente e criterioso do que o da Máfia. Sendo assim, o diretor Barry Levinson não pôde construir uma réplica exata do Hotel Flamingo. Na cena de inauguração do Flamingo, o que vemos não é o interior do prédio, ou mesmo a piscina, mas, sim, o resultado de um efeito especial manhoso: o fundo não passa da ampliação gigantesca de uma fotografia da maquete do prédio, uma ilusão eficiente e barata.

Não é de surpreender, portanto, que *Bugsy* tenha sido concluído com apenas uma semana de atraso em rela-



Simpatia e popularidade misturam-se à sordidez do submundo na vida de Bugsy. Abaixo, Joe Mantegna, que faz o papel do ator George Raft, amigo do meliante e introdutor, no cinema, dos trejeitos que viriam caracterizar os gangsters

ção ao cronograma original, custando um mero milhão acima dos 30 alocados para o orçamento total.

A temporada atual confirma que Hollywood, no mínimo, se interessa muitíssimo por Bugsy Siegel. Inúmeros filmes já foram feitos, com base na vida e na obra de Siegel, ao longo dos anos, e este é, talvez, apenas a ponta do iceberg do que se poderia chamar "Bugsymania". O filme de Warren Beatty sai logo após o Bugsy pós-*teenager* de Richard Grieco em *Império do Crime* e do Benjamin cômico de Armand Assante em *Uma Loira em Minha Vida*. Por pouco não tivemos inúmeros outros nos últimos anos: descontadas as idas e vindas de cartas marcadas do passado recente, como Peter Bogdanovich, houve um momento em que até Jean-Luc Godard quase dirigiu sua própria versão da história de Bugsy Siegel, com Robert De Niro e Diane Keaton.

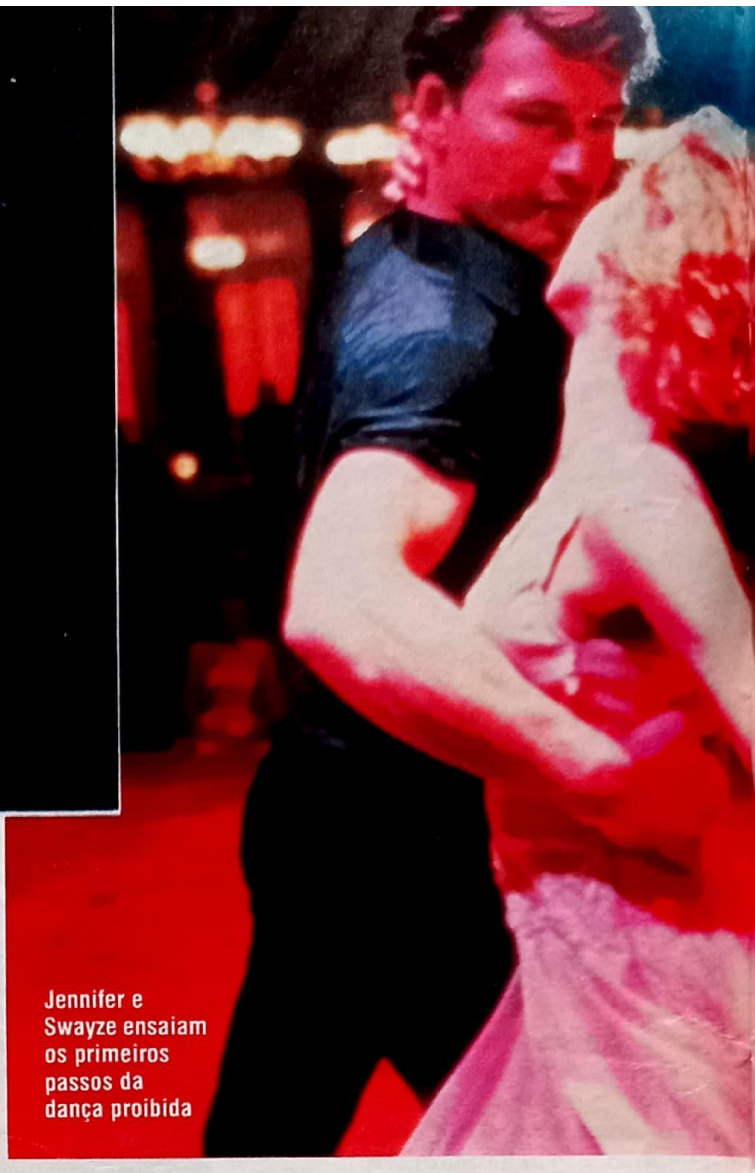
José Emílio Rondeau, de Los Angeles

SET

Bugsy, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Barry Levinson ■ Com Warren Beatty, Annette Bening, Harvey Keitel, Ben Kingsley, Joe Mantegna, Elliot Gould ■ ROTEIRO: James Toback ■ FOTOGRAFIA: Allen Daviau ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ PRODUÇÃO: Mark Johnson, Barry Levinson e Warren Beatty para a Mulholland Prods./Baltimore Pictures ■ DURAÇÃO: 135 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

VIDEOLANÇAMENTOS

Ai que Gostosura de Dança



Jennifer e Swayze ensaiam os primeiros passos da dança proibida

O rebolado sensual de *Dirty Dancing* levou as mocinhas ao delírio e Swayze ao estrelato

Chega às videolocadoras brasileiras, com mais de cinco anos de atraso, o sucesso arrasador de *Dirty Dancing—Ritmo Quente*, filme que levou Patrick Swayze ao estrelato, graças aos rebolados sensuais e sugestivos que enloqueceram a boazinha Baby (Jennifer Grey) e boa parte do público (principalmente o feminino). O filme lotou cinemas no mundo inteiro e repetiu a dose nos dois discos da trilha sonora, "top" entre os mais vendidos na época.

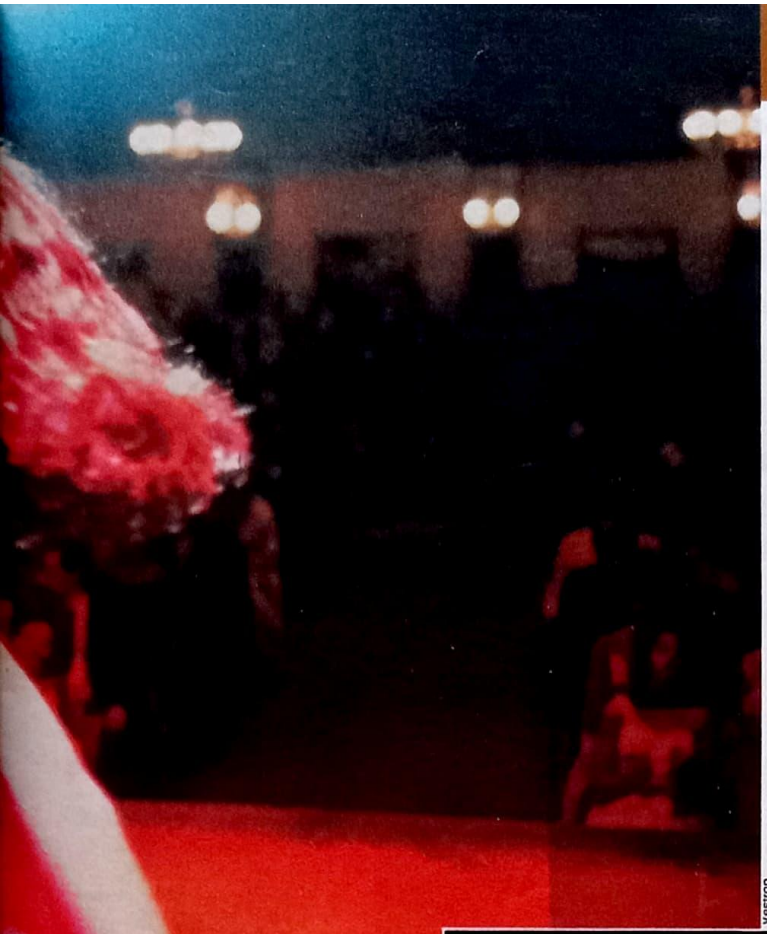
Difícil é explicar tanto sucesso. Afinal, a história da mocinha de boa família que descobre o amor e o sexo ao se apaixonar pelo homem proibido, entrando em conflito com os pais, não tem nada de novo. Mesmo que tudo aconteça no ano de 1963, numa colônia de férias no sul dos Estados Unidos, e o objeto do desejo da mocinha seja o insinuante instrutor de dança Swayze, que apostou alto nesse papel, desafiou as leis da medicina e pôs seu condenado joelho a serviço do "mambo", "merengue" e "dirty dancing" para alegria das moçoilas dentro e fora das telas. Valeu. Os fãs de *Dirty Dancing* filosofam, constroem teorias para traduzir sua paixão e não abdicam mesmo é do direito de rever suas cenas preferidas, ouvir as músicas prediletas e relembrar os bons tempos que o atraso do lançamento lhes negou até agora.

Quem vai correndo alugar a fita é a estudante Patrícia de Castro, 19 anos, que viu o filme "no mínimo quatro vezes" e se sentiu atraída pelo romance vivido por Patrick e Jennifer, pelo modo como Baby vence os preconceitos dos pais e luta pelo amor da sua vida. Mas não é só: ela também acha que "Swayze tem um charme todo especial, principalmente quando ele expõe seu corpo nas cenas de dança ou de amor. A gente fica olhando e imaginando se pudesse estar no lugar da garota..."

Quem concorda com Patrícia é a modelo Alessandra Cardoso, 26 anos, que assistiu *Dirty Dancing* no cinema, chegou a ver o filme duas vezes num mesmo dia, comprou a trilha e estourou o gravador de tanto voltar a fita. "Apesar do Swayze não ser o meu tipo, nesse filme ele está extremamente sensual, e faz um parzinho tão feio com a garota que todo mundo tem vontade de estar no lugar dela."

É por aí que o filme pegou a atriz Susy Rego, 24 anos, que o assistiu quando começou a rolar a onda do Patrick Swayze. Apesar de achar que o filme não gerou um auê tão grande quanto *Os Embalos de Sábado à Noite*, ela qualifica *Dirty Dancing* como um filme interessante e gostoso, "que mexe muito com a cabeça dos jovens pelo lado sensual". Sensualidade que Alessandra atribui à dança e à presença de Swayze na tela: "Ele está um tesão e os números musicais valorizam isso". Ela vai ver o filme de novo e medita sobre sua vontade de assistir histórias "soft", suaves, onde depois das dificuldades os personagens vivem felizes para sempre. "O mundo tá tão cheio de violência que eu curto acreditar que o amor é lindo e pode dar certo."

Filosofia mesmo tem o administrador de empresas Jaime Alberto Orfão, 24 anos, que discorda das cri-



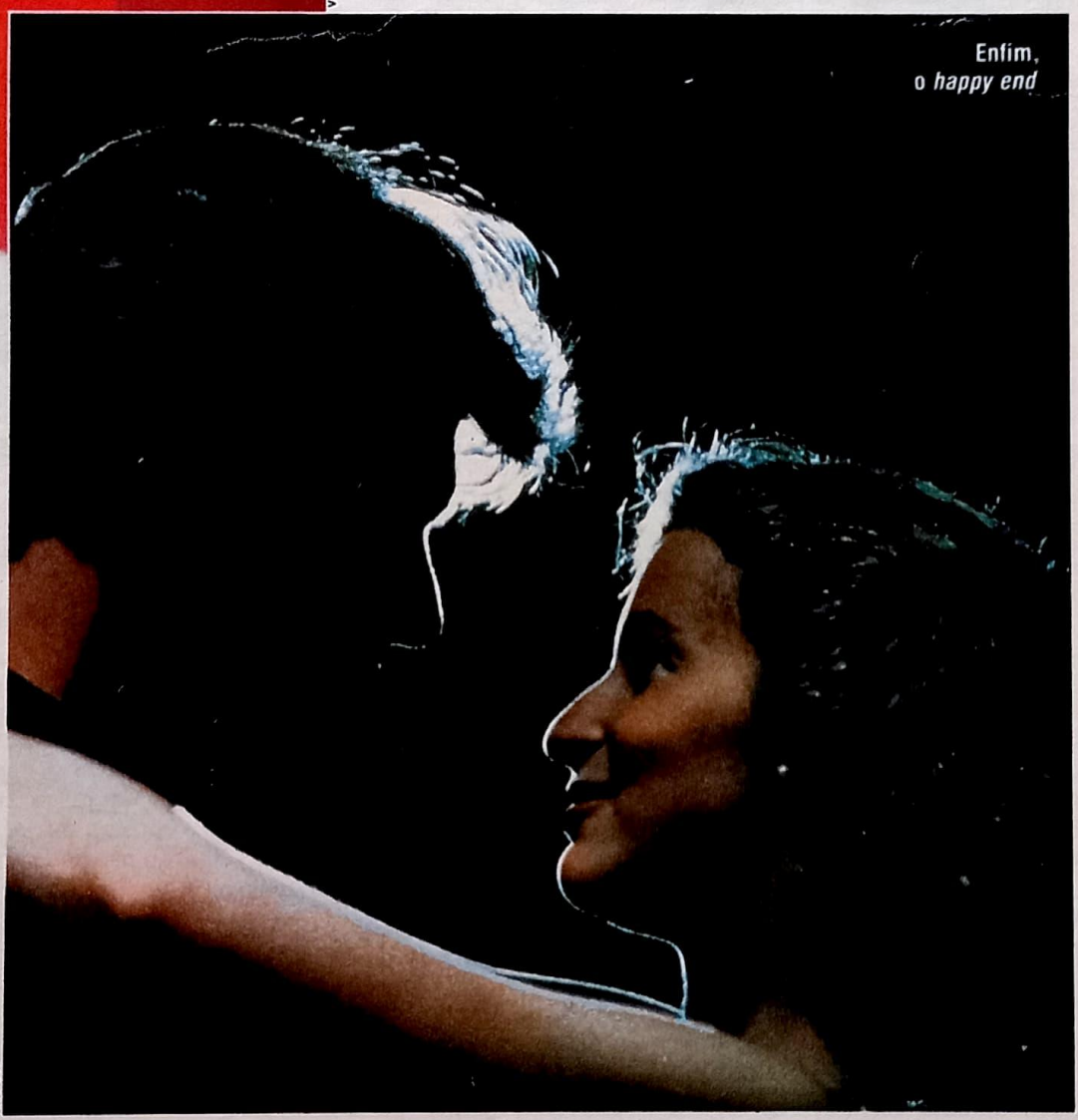
Vestron

passando os personagens", diz Jaime. Ele diz que vai mostrar o filme para os filhos quando estiverem na adolescência e sabe que eles vão ficar interessados. "Quando um filme toca em pontos importantes de sua vida, ele não é mais descartável."

E nem poderia ser. *Ritmo Quente* já entrou para a história do cinema por ser um dos únicos filmes a ter a trilha sonora — organizada por John Morris como uma combinação exata de sucessos da época e músicas novas — lançadas em dois discos e ocupando por mais de dez semanas o topo da lista dos discos mais vendidos da revista americana *Billboard*, além de ganhar o Oscar de melhor canção, "(I've Had) The Time of My Life", na interpretação de Bill Medley e Jennifer Warnes. Além disso, a música "She is Like the Wind", composta e interpretada por Patrick Swayze, até hoje é executada nas rádios, junto a outros sucessos dos anos 60, como "Big Girls Don't Cry", de Frankie Valli & The Four Seasons ou "Be My Baby", música de abertura do filme cantada pelo grupo Z Ronettes. É música para chacoalhar à vontade.

Fátima Gigliotti

DIRTY DANCING — RITMO QUENTE
(Dirty Dancing, EUA, 1987) Direção: Emile Ardolino. Com Patrick Swayze, Jennifer Grey, Jerry Orbach, Cynthia Rhodes, Jack Weston. Vestron.



Enfim, o *happy end*

Alvorada

ticas feitas ao filme como sendo descartável, de apelo fácil. Para ele há coisas muito boas e interessantes em *Dirty Dancing*, as quais contribuem para transformá-lo em um programa obrigatório para os adolescentes e pessoas que estão em processo de amadurecimento, ou mesmo aprofundamento na forma de pensar determinadas coisas.

A analogia que o filme faz entre o aprendizado da dança e da sexualidade através da personagem de Baby toca o espectador e é o ponto mais positivo do filme, provavelmente o grande responsável pelo seu sucesso. "O adolescente que entra na história vai se reconhecer simbolicamente na experiência, principalmente a descoberta da sexualidade, pela qual estão

VIDEOLANÇAMENTOS

★ Ruim
★★ Regular
★★★ Bom
★★★★ Ótimo
★★★★★ Obra-prima

DRAMA

CORRENTES DE PRIMAVERA ★★
(Torrents of Spring, Itália/França, 1990) Direção: Jerzy Skolimowski. Com Timothy Hutton, Nastassja Kinski, Valeria Golino. LK-Tel/Columbia. Adaptação de romance de Ivan Turgeniev ambientado no começo do século. Russo, noivo de uma alemã, se envolve com a aristocrática esposa de amigo seu. Apesar do talento do diretor de *Estranho Poder de Matar*, o filme é recomendável apenas aos amantes do romantismo assumido e do drama de época.

UMA PAIXÃO INESQUECÍVEL ★★
(Cool Blue, EUA, 1989) Direção: Mark Mulin, Richard Shepard. Com Woody Harrelson, Ely Pouget. Alvorada. Pintor conhece o amor de sua vida, passa uma noite com ela e a busca por toda Los Angeles durante o resto do filme. Retrato pretensioso da boêmia L.A., com divertida ponta de Sean Penn.

LEMBRANÇAS ★★★
(Summer Wishes, Winter Dreams, EUA, 1973) Direção: Gilbert Cates. Com Joanne Woodward, Martin Balsam, Sylvia Sidney. 20/20 Vision. Sensível estudo psicológico familiar, centrado em mãe de família amargurada e obcecada pelos bons tempos passados, que convive com um marido compreensivo, um filho homossexual e uma filha grávida. Grandes interpretações.

VIVENDO NA AMÉRICA ★★★
(Bandini, França/Bélgica/Itália, 1989) Direção: Dominique Deruddere. Com Joe Mantegna, Ornella Muti, Faye Dunaway. Warner. A diretora Dominique adaptou para as telas o romance de John Fante sobre filho, de doze anos, de imigrantes italianos, que conhece a América mágica de 1928 mas que enfrenta problemas familiares e econômicos. Nostalgia em bela produção.

ENIGMAS DA VIDA ★★★
(Cold Sassy Tree, EUA, 1989) Direção: Joan Tewkesbury. Com Faye Dunaway, Richard Widmark. Globo Vídeo. Na virada deste século, mulher nortista independente escandaliza a sociedade de uma cidade sulista ao decidir desposar o comerciante local apenas três semanas depois deste ter enviuvado. Feito para a TV a cabo, é um belo drama de época, com boa atuação da dupla central.

UMA VIDA DE PECADO ★★★
(A Life of Sin, EUA, 1990) Direção: Efrain Lopez Neris. Com Raul Julia, Miriam Colon, Jose Ferrer. Look. Repórter de TV investiga o assassinato de uma das mais famosas mulheres da sociedade de uma ilha caribenha, que construiu seu nome dirigindo renomado bordel. Mais um filme com tonalidades latinas do recente cinema americano.

ANNA ★★★
(EUA, 1987) Direção: Yurek Bogayevicz. Com Sally Kirkland, Paulina Porizkova. Vestron. Sally Kirkland foi indicada ao Oscar por este papel de uma atriz tcheca, famosa em seu país, que está desempregada em Nova York. Hospeda uma conterrânea (a bela modelo Porizkova, de *Adorável Sedutora*), ensina-lhe os macetes da profissão e a vê triunfar. Sensível estudo de personagens.

DRAMA

Look

Um mundo cruel retratado com refinamento no drama polaco aclamado pelo público da Mostra de São Paulo

NÃO AMARÁS ★★★

(Krotki Film O Milosci, Polônia, 1988) Direção: Krzysztof Kieslowski. Com Grazyna Szapowska, Olaf Lubaszenko, Stefania Iwinska. Look.

Eleito pelo público o melhor filme da 13.ª Mostra Internacional de São Paulo, *Não Amarás* (ao lado de *Não Matarás*) integra a série de Kieslowski inspirada nos Dez Mandamentos (sendo que os outros oito capítulos do *Dekalog* foram feitos para a TV). Angustiado, detalhista, tenso e freqüentemente tedioso ("a vida é assim mesmo" — disse o diretor), a obra revela um refinamento visual precioso e muito pessimismo polaco. Tomek é um jovem tímido e solitário, funcionário do correio, que se apaixona por moça mais velha, do prédio em frente, e a vigia voyeuristicamente com um telescópio. Essa obsessão angelical é registrada de forma desconfortante e corajosa por Kieslowski, que pinta os traços cruéis de um mundo indiferente, que assassina todas as paixões verdadeiras.

Antonio Querino Neto

O VENCEDOR ★★★
(Breaking Away, EUA, 1979) Direção: Peter Yates. Com Dennis Christopher, Dennis Quaid, Daniel Stern. Abril Vídeo.
Filme sincero e modesto que mereceu o Oscar de roteiro original (de Steve Tesich), com elenco de primeira. Quatro estudantes de uma cidadezinha do Estado de Indiana inscrevem-se em corrida ciclística internacional, para combater o tédio.

VIRANDO ADULTA ★★★
(Sweet 15, EUA, 1989) Direção: Victoria Hochberg. Com Karla Montana, Tony Plana. Warner.
Americana de pais mexicanos sonha em realizar uma grande festa para os seus quinze anos, mas tem de enfrentar a ameaça de deportação de seu pai, em situação ilegal no país. Belo drama familiar.

MÍSSEIS DE OUTUBRO ★★★
(The Missiles of October, EUA, 1974) Direção: Anthony Page. Com William Devane, Martin Sheen, Ralph Bellamy. Alvorada.
Ótimo telefilme que recria a crise enfrentada pelos EUA em 1962, quando o país quase entrou em guerra contra as armas nucleares russas em Cuba. Devane *(Trama Macabra)* está bem como J.F. Kennedy.

LADO A LADO ★★★
(Side by Side, EUA, 1988) Direção: Jack Bender. Com Milton Berle, Sid Caesar, Danny Thomas. Globo Vídeo.
Três atores veteranos interpretam senhores idosos que, em vez de ficar se lamentando, abrem uma confecção de roupas para as pessoas de idade. Telefilme bem-intencionado e divertido.

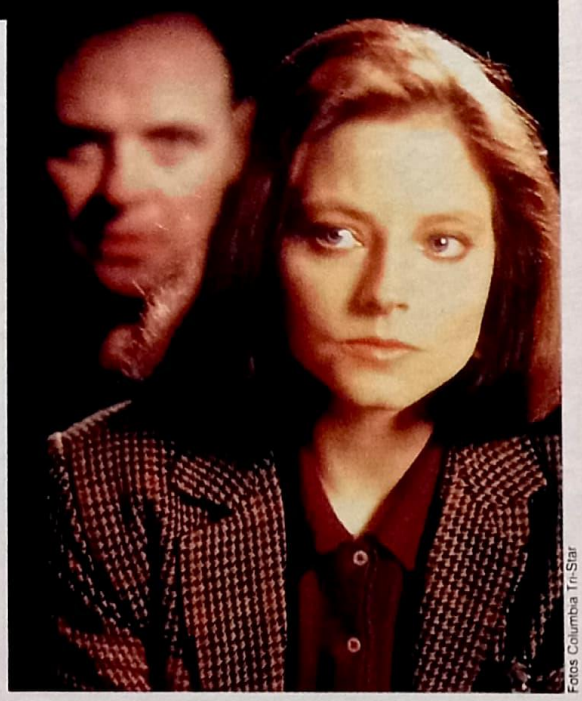
SUSPENSE

O SILÊNCIO DOS INOCENTES ★★★★

(The Silence of the Lambs, EUA, 1991) Direção: Jonathan Demme. Com Anthony Hopkins, Jodie Foster, Scott Glenn, Ted Levine. LK-Tel/Columbia.

O diretor de *Totalmente Selvagem* mergulha no universo noturno dos psicopatas para acompanhar a descida aos infernos de Clarice Starling, agente do FBI escalada para tentar deter os assassinatos atribuídos a um *serial killer* conhecido como Buffalo Bill, por causa do hábito que tem de arrancar a pele das mulheres que mata. Para obter sucesso, ela necessitará rastrear a mente criminosa, diabolicamente perversa, de Hannibal Lecter (Anthony Hopkins), um psiquiatra (frente ao qual Buffalo Bill mais parece um seminarista) dado à prática do canibalismo e que, por isso mesmo, está confinado num presídio de segurança máxima. O confronto entre ambos resultará num jogo de sedução e poder em que, para conseguir capturar Buffalo Bill, Clarice acabará concordando em revelar-se por inteira aos olhos de Lecter, desnudando-se mentalmente numa entrega duplamente perigosa, porque pressupõe o risco de uma viagem sem regresso aos limites da sanidade.
Demme filma em closes, sublinhando o clima opressivo, claustrofóbico, presente na relação entre os dois protagonistas. Para o espectador, o efeito é de uma tensão arrasadora. Na pele da agente Clarice Starling, Jodie Foster mostra-se impecável, mas a interpretação mais impressionante é a de Hopkins, como o sombrio Hannibal Lecter.

Paulo Capuzzo



Fotos Columbia Tri-Star

Jodie Foster é acossada pelo jogo de sedução do canibal Hopkins no excelente thriller de Demme

SUSPENSE

O TELEFONEMA ★★
(Call Me, EUA, 1988) Direção: Sollace Mitchell. Com Patricia Charbonneau, Patti D'Arbanville. Vestron.
Repórter insatisfeita sexualmente passa a receber telefonemas obscenos, que lhe dão um prazer perverso. Tema batidíssimo e algumas boas interpretações em trama psicológica quase bem-sucedida.

PSICOPATA ★★
(Sins of the Mother, EUA, 1991) Direção: John Patterson. Com Elizabeth Montgomery, Dale Midkiff, Talia Balsam. Transvídeo.
Elizabeth Montgomery, que em tempos áureos foi a "Feiticeira", é novamente uma bruxa, só que no lugar da doçura e amabilidade há uma mãe dominadora. Neste telefilme de certa seriedade, mas sensacionalista, Elizabeth e seu autoritarismo levam, por exemplo, seu filho adulto a se tornar um estuprador.

A TERCEIRA SOLUÇÃO ★★
(The Third Solution/Russicum, Itália, 1989) Direção: Pasquale Squitieri. Com F. Murray Abraham, Treat Williams, Danny Aiello.
LK-Tel/Columbia
Bom elenco em melodrama de espionagem que não agradou à crítica. Americano tenta desbaratar plano para frustrar a visita do Papa à ex-URSS. Filme inevitavelmente datado do diretor de *O Prefeito de Ferro.*

ALTA CONSPIRAÇÃO ★★
(Conspiracy, Inglaterra, 1989) Direção: Christopher Barnard. Com James Wilby, Glyn Houston, Kate Hardie.
Panamerican.
Importante político, com um alto cargo no governo, vê seus planos ambiciosos serem ameaçados por sua necessidade constante de conhecer garotas fáceis. Sóbrio, mas pouco eficiente.

FALSA IDENTIDADE ★★★
(False Identity, EUA, 1990) Direção: James Keach. Com Stacy Keach, Genevieve Bujold, Veronica Cartwright. Globo Vídeo.
Este suspense consegue manter o interesse do espectador ao acompanhar o retorno ao lar de um ex-prisioneiro, após dezessete anos. Muitos fatos do passado que foram estranhamente esquecidos voltam à tona.

MORANDO COM O PERIGO ★★★
(Pacific Heights, EUA, 1990) Direção: John Schlesinger. Com Melanie Griffith, Matthew Modine, Michael Keaton. Abril Vídeo.
Casal se muda para residência vitoriana em San Francisco e aluga dois de seus quartos, sem saber que um dos inquilinos é um louco perigoso. Desconto para algumas soluções fáceis do roteiro. Pontas de Beverly D'Angelo e Tippi Hedren, mãe de Melanie.

LOUCO, EU? ★★
(Disturbed, EUA, 1990) Direção: Charles Winkler. Com Malcolm McDowell, Geoffrey Lewis. Vídeo Arte.
Médico começa a suspeitar de sua sanidade quando não consegue descobrir se uma jovem, taradíssima, está ou não morta. Papel ideal para as caretas de McDowell *(Laranja Mecânica).*

À PROCURA DE ALGUÉM ★★
(The Forgotten One, EUA, 1989) Direção: Phillip Badger. Com Terry O'Quinn, Kristy McNichol. Globo Vídeo.
Escritor se muda para uma casa e passa a ser perseguido pelo fantasma de um antigo amor. Tal espírito faz tudo para ele se matar e assim poder amá-la no além-vida. A presença da atual namorada, que tenta mantê-lo vivo, acaba por formar um estranho triângulo.

COMÉDIA

Pandora

Humor italiano da melhor safra atual, no qual o *piccolo diavolo* Begnini atormenta o veterano Matthau

O PEQUENO DIABO ★★★

(Il Piccolo Diavolo, Itália, 1989) Direção: Roberto Benigni. Com Roberto Benigni, Walter Matthau, John Lurie, Nicoletta Braschi. Look.

Após dirigir *Tu Mi Turbi* (1983) e parte de *Non ci Resta che Piangere* (1984), Roberto Benigni dá sua visão do inferno, encarnando um demônio ingênuo, com toques de Totó e do cinema mudo em geral. Um *piccolo diavolo* entra na vida de um pobre padre de província (Walter Matthau) após deixar o corpo de uma senhora exorcizada. Atrapalhado, peralta e falador, o demônio subverte um jantar de amigos do sacerdote, bagunça a relação do padre com uma bela moça (Stefania Sandrelli), substituindo-o numa missa que transforma em desfile de modas, além de ganhar sempre na roleta, voar e fazer xixi interminavelmente. Encontra a *partner* perfeita vivida pela infernal Nicoletta Braschi (esposa de Benigni, hilária), que o seduz exibindo uma parte muito especial do seu corpo.

Antonio Querino Neto

MELANIE GRIFFITH e MATTHEW MODINE
MICHAEL KEATON
LANÇAMENTO
Encantador,
Sofisticado
e Muito Perigoso
UM FILME DE JOHN SCHLESINGER
MORANDO COM O PERIGO
(PACIFIC HEIGHTS)
Ele é Assustador. Está Dentro De Casa.
E a Lei Está ao Seu Lado.
MORGAN CREEK
abril vídeo
FOX VIDEO

DRAMA

Fotos Art Films

A atriz Kerry Fox protagoniza a tristeza e a beleza na obra da diretora Jane Campion

UM ANJO EM MINHA MESA ★★★

(An Angel at My Table, Nova Zelândia, 1990) Direção: Jane Campion. Com Kerry Fox, Alexia Keogh, Karen Fergusson, K.J. Wilson. Globo Vídeo.

É raro assistirmos um filme pessoal que conquiste o espectador pela inteligência e pela pureza de sua poesia. A diretora Campion (do inédito *Sweetie*) adaptou três autobiografias complementares da mais famosa escritora e poetisa neo-zelandesa, Janet Frame, para realizar um elogio à individualidade e à vitalidade da expressão artística.

Dividido em três partes (infância, adolescência e começo da fase adulta, cada uma protagonizada por atrizes ruivas incrivelmente semelhantes), o filme elabora sua beleza rude e por vezes cruel ao focalizar principalmente a excessiva timidez de Frame, que chegou a ser diagnosticada como esquizofrênica e que a levou a um tratamento mental, cujo realismo sombrio nos remete a *Frances*. Acompanhando sua luta para se realizar como artista e mulher, o filme acaba por oferecer um retrato incrivelmente adulto e belo, triste e introspectivo, provando que Jane Campion é um dos talentos mais fortes a surgir nos últimos anos.

Christian Petermann

A CASA DA RÚSSIA ★★
(The Russia House, EUA, 1990) Direção: Fred Schepisi. Com Sean Connery, Michelle Pfeiffer, Roy Scheider, Klaus Maria Brandauer. América.
Thriller de espionagem com grande elenco, expressivo casal central apesar da trama confusa e anacrônica, baseada em livro menor de John Le Carré. Editor literário britânico é envolvido em sofisticada rede de espionagem por beldade russa.

AVENTURA

JOGO MORTAL ★★
(High Stakes, EUA, 1989) Direção: Amos Kollek. Com Sally Kirkland, Robert LuPone, Kathy Bates. Poletel.
Grande performance de Sally Kirkland, em filme menor, como uma prostituta que tenta livrar sua filha das garras da Máfia. Ao mesmo tempo, se apaixona por um operador da Bolsa de Valores de Wall Street.

BACKSTREET DREAMS ★
(EUA, 1990) Direção: Rupert Hitzig. Com Brooke Shields, Nick Cassavetes, Burt Young. Europa.
Brooke Shields é uma boa moça que cuida de crianças deficientes e que irá combater a crescente ameaça da criminalidade e das drogas na sua vizinhança. É melhor não esperar muito. Bom elenco secundário, que inclui Anthony Franciosa, Sherilyn Fenn e Elias Koteas.

MEMPHIS ★★★
(EUA, 1991) Direção Yves Simoneau. Com Cybill Shepherd, J.E. Freeman, John Laughlin. Vídeo Arte.
Cybill Shepherd co-roteirizou esta aventura sobre uma jovem que se une a dois foras-da-lei. Na Tennessee de 1957, eles tentam seqüestrar o neto de um rico comerciante e acabam se arrependendo.

O ÚLTIMO VÔO PARA O INFERNO ★
(The Last Flight to Hell, EUA, 1990) Direção: Paul D. Robinson. Com Reb Brown, Chuck Connors. AB Vídeo.
Agente especial do serviço secreto americano antidrogas é enviado ao Oriente para prender o contato entre a Máfia e os chefões da droga locais. Já se sabe o que esperar.

RESGATE NO IRAQUE ★
(The Human Shield, EUA, 1991) Direção: Ted Post. Com Michael Dudikoff, Steve Inwood. Warner.
Capitão do Exército americano, há cinco anos em treinamento no Irã, tem a chance de ajustar as contas com um sádico oficial iraquiano durante a Guerra do Golfo. Oportunismo barato.

MATT HELM CONTRA O MUNDO DO CRIME ★★
(Murderer's Row, EUA, 1966) Direção: Henry Levin. Com Dean Martin, Ann-Margret, Karl Malden. 20/20 Vision.
Segunda aventura, e pouco inspirada, do primo pobre de James Bond, Matt Helm. Helm precisa recuperar

pai de amiga seqüestrado por vilão que quer derreter Washington. Repare na piada sobre Frank Sinatra.

55 DIAS EM PEQUIM ★★★
(55 Days at Peking, EUA, 1963) Direção: Nicholas Ray. Com Charlton Heston, Ava Gardner, David Niven. Opção.
Aventura dramática de grande elenco e a classe inerente a Ray (de *Juventude Transviada*). Na virada deste século, embaixadores de vários países ficam presos na embaixada de Pequim durante a Revolta Boxer. Ray tem uma ponta como o embaixador americano, e a música é de Dimitri Tiomkin.

COMÉDIA

BETÃO RONCA FERRO ★★★
(Brasil, 1970) Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner, Geraldo Miranda. Com Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Pirillo. Reserva Especial.
Para ajudar a filha a se casar com um rico playboy, homem de circo ambulante se faz passar por rico. Sátira à novela *Beto Rockfeller*, com ponta do sambista Henricão como o falso motorista do falso rico.

UMA LOIRA EM MINHA VIDA ★★★
(The Marrying Man/Too Hot to Handle, EUA, 1991) Direção: Jerry Rees. Com Kim Basinger, Alec Baldwin, Robert Loggia. Abril Vídeo.
A produção conturbada não estraga a simpatia do casal central nem o texto de Neil Simon, apesar do excesso de reviravoltas. Playboy de Los Angeles, noivo da filhinha de um produtor da Hollywood do pós-guerra, apaixona-se por uma cantora, amante do gângster Bugsy Siegel. Basinger surpreende como cantora.

UM CONQUISTADOR EM APUROS ★★
(Cadillac Man, EUA,1990) Direção: Roger Donaldson. Com Robin Williams, Tim Robbins, Pamela Reed. LK-Tel/Columbia.
Exímio vendedor de carros é ameaçado de perder namorada, amante, emprego e padrinho mafioso logo após invasão furiosa do marido traído na concessionária em que trabalha. Histeria para públicos específicos.

GANG DA PESADA ★★
(Body Slam, EUA, 1987) Direção: Hal Needham. Com Dirk Benedict, Tanya Roberts. Vic.
O ex-dublê Needham, que dirigiu tanto *Agarre-me se Puderes* como *Quem Não Corre Voa*, realiza aqui uma curiosa comédia sobre luta livre, focalizando uma competição real que mistura este "esporte" com o rock.

APRENDIZ DE FEITICEIRO ★★★
(The Hard Way, EUA, 1991) Direção: John Badham. Com Michael J. Fox, James Woods, Annabella Sciorra. CIC.
Michael J. Fox interpreta astro hollywoodiano mimado que passa alguns dias com cético policial nova-iorquino para compor seu próximo personagem. Muita ação se diluindo em trama exagerada. Pontas da diretora Penny Marshall (*Quero Ser Grande*) e do *rapper* LL Cool J.

Fotos Fox

COMÉDIA

EDWARD, MÃOS DE TESOURA ★★★

(Edward Scissorhands, EUA, 1990) Direção: Tim Burton. Com Johnny Depp, Winona Ryder, Dianne Wiest, Kathy Baker, Vincent Price. Abril Vídeo.

Exemplares genuínos da fauna americana e o monstro sensível inventados por Tim Burton

Em 1989, Tim Burton dirigiu *Batman*, que acabou levando multidões aos cinemas, arrecadou muitos milhões de dólares e possibilitou ao diretor realizar uma espécie de "o filme de sua vida": *Edward, Mãos de Tesoura*. E ele o fez combinando com perfeição a mais original das histórias com todos os clichês imagináveis. O resultado acabou sendo o de um raro e apaixonante tratamento cinematográfico.
Edward (Depp) é um ser solitário e melancólico, criação de um cientista (Vincent Price em soberba aparição) que morre pouco antes de completá-lo: no lugar das mãos ficam as ameaçadoras lâminas. Certo dia, porém, na solidão de seu castelo, Edward é descoberto por ninguém menos que uma vendedora da Avon e é levado para a cidade.
A genuína fauna americana, seus tipos e suas manias estarão bem ali, satirizados por Burton de forma mordaz e caricata. Mas o que conta mesmo é a fábula do monstro sensível perdido naquele mundo estranho e hostil, onde terá, principalmente, de enfrentar a impossibilidade da concretização de seu amor por Kim (Winona Ryder, ótima atriz).

Marcos Gimenes

MICHAEL E DONNA: UM VERDADEIRO AMOR ★★★
(True Love, EUA, 1989) Direção: Nancy Savoca. Com Annabella Sciorra, Ron Eldard. América. Surpreendente crônica de um casamento italiano no Bronx, com o ótimo casal central interpretando uma noiva correta e um noivo imaturo. Roteiro sensível e verossímil escrito pela diretora e por seu marido, Richard Guay.

UMA HISTÓRIA DE PAIXÃO ANIMAL ★★
(Sotto, Sotto, Itália, 1984) Direção: Lina Wertmüller. Com Enrico Montesano, Veronica Lario. 20/20 Vision. Obra convencional mas de comicidade típica de Wertmüller (*Pasqualino Sete Belezas*). Mulher se sente atraída pela sua melhor amiga, provocando a ira de seu marido. Participação do sobrinho da diretora, Massimo Wertmüller.

TERROR

POPCORN ★★
(EUA, 1991) Direção: Mark Herrier. Com Jill Schoelen, Dee Wallace, Tony Roberts, Ray Walston. Europa. Divertida e nem sempre muito elaborada brincadeira com os filmes de terror dos anos 50, aqueles em p & b. Enquanto estudantes de cinema promovem um festival com 24 horas deste gênero, um colega decide matar alguns amigos.

SUBSPECIES — A GERAÇÃO VAMP ★★★
(Subspecies, EUA, 1990) Direção: Ted Nicolaou. Com Michael Watson, Laura Tate, Anders Hove. VTI. Recente produção de Charles Band sob a direção de Nicolaou *(A Visão do Terror)*, filmada na Romênia. Acompanha três estudantes americanas à Transilvânia, onde testemunharão a violenta luta shakespeariana do vampiro mau e do vampiro bom pelo trono vazio. Interessante, apesar do final fraco.

A VOLTA DOS MORTOS-VIVOS PARTE 2 ★★
(Return of the Living Dead Part II, EUA, 1988) Direção: Ken Wiederhorn. Com James Karen, Thom Mathews. Warner. Continuação da paródia ao clássico de George Romero, com fórmula semelhante. Estudantes liberam gás de misteriosas câmaras militares, o que reanimará os mortos de um cemitério vizinho. Bons efeitos, pitadas de humor negro e trilha de *hard rock*.

WESTERN

CAVALGADA DE OURO ★★
(The Golden Stallion, EUA, 1949) Direção: William Witney. Com Roy Rogers, Dale Evans, Estelita Rodriguez. Republic. Filme da clássica série do caubói Roy Rogers, aqui dando destaque maior ao seu cavalo Trigger, que tenta evitar que uma égua entre na vida criminosa (!). Ideal para os fãs de filmes com animais.

BARRAGEM MALDITA ★★
(North of the Great Divide, EUA, 1950) Direção: William Witney. Com Roy Rogers, Penny Edwards, Gordon Jones. Republic. Um dos exemplares mais fracos da série do famoso caubói, com muitos dos atores *habitués* ausentes. Neste episódio, ele enfrenta

COMÉDIA

COMO CONQUISTAR AS MULHERES ★★★★

(Alfie, Inglaterra, 1966) Direção: Lewis Gilbert. Com Michael Caine, Shelley Winters, Julia Foster. CIC.

Namorador inveterado, Michael Caine mescla cinismo e charme numa comédia típica da fleuma britânica

Baseado em peça de Bill Naughton, *Como Conquistar as Mulheres* é um filme de refinado bom gosto, do mesmo Lewis Gilbert que depois rodaria alguns *007*. Aos poucos, a história revela a sensibilidade de um Casanova moderno, que passa de uma namorada a outra sem se apaixonar por nenhuma delas. Um de seus lemas é tolerar todos os defeitos de uma mulher, desde que ela encontre um modo de compensá-los. Michael Caine, como o protagonista, equilibra cinismo e charme, principalmente quando se distancia da trama e se dirige ao espectador. Em sua trajetória afetiva, ele namora desde uma garota que considera "regra três", com quem tem um filho, até uma moça que encontra na estrada, que faz tudo por ele, mas só o leva ao tédio. Indicado para cinco Oscar, inclusive melhor filme, não levou nenhum, mas a competição tinha pérolas, como *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* e *O Homem que Vendeu Sua Alma*. Visto hoje, o filme resiste com sua ironia que no fim se transforma em melancolia, sem perder a fleuma britânica.

Cesar Garcia Lima

Fotos CIC

pesqueiro inescrupuloso que está levando os índios à fome.

O MÉDICO DA ROÇA ★★★
(Bells of Coronado, EUA, 1950) Direção: William Witney. Com Roy Rogers, Dale Evans, Pat Brady. Republic.
Em episódio de muita ação, Roy Rogers interpreta um heróico agente de seguros que enfrenta gangue que está contrabandeando urânio com intenções maléficas.

O TIRO CERTO ★★★
(The Shooting, EUA, 1967) Direção: Monte Hellman. Com Jack Nicholson, Warren Oates, Millie Perkins. Screen Life.
Quarto filme de Nicholson com o diretor Hellman, ambos ligados, à época, à figura de Roger Corman. Ele é um pistoleiro contratado por mulher para caçar os homens que desgraçaram sua família. Pouco convencional e com uma forte conclusão.

DOCUMENTÁRIO

OS ANIMAIS TAMBÉM SÃO SERES HUMANOS ★★★
(Animals Are Beautiful People, África do Sul, 1974) Direção: Jamie Uys. Warner.
O diretor de *Os Deuses Devem Estar Loucos 1* e *2* elabora um retrato do mundo animal de seu país de forma freqüentemente cômica, fazendo um curioso paralelo com o comportamento humano.

ILHÉUS — BRAZIL ★★
(Brasil, 1991) Direção: Nelvas Ortega. Mundial.
O título do vídeo já deixa evidente suas intenções puramente turísticas, do tipo para "estrangeiro ver". Segundo "poema visual" da distribuidora, que se segue a *Porto Seguro*.

GUERRA

ROMANCE DOS SETE MARES ★★★
(The Fighting Seabees, EUA, 1944) Direção: Edward Ludwig. Com John Wayne, Dennis O'Keefe, Susan Hayward. Republic.
Ação eficiente de dois corajosos aventureiros que enfrentam os japoneses durante a Segunda Guerra, no Pacífico Sul, enquanto disputam o amor da mesma mulher.

UM DOS NOSSOS AVIÕES NÃO REGRESSOU ★★★
(One of Our Aircraft is Missing, Inglaterra, 1942) Direção: Michael Powell, Emeric Pressburger. Com Godfrey Tearle, Eric Portman, Hugh Williams. Republic.
Impecável suspense de guerra. Pilotos da RAF, após ser bombardeados, caem na Holanda e fazem de tudo para chegar à Inglaterra. Roteiro dos diretores (de *Os Sapatinhos Vermelhos)* e ponta de Powell como um despachante.

POLICIAL

976 — VOZ DE SEDUÇÃO ★★
(Smoothtalker, EUA, 1990) Direção: Tom Milo. Com Joe Guzaldo, Stuart Whitman, Burt Ward. Transvídeo.
Investigador que está passando por complicado divórcio é designado para investigar uma série de assassinatos de jovens mulheres que descrevem fantasias eróticas pelo telefone. É fácil de decifrar.

INFANTIL

SUPER MARIO BROS 3 ★★★
(EUA, 1990) Direção: John Crusd. Mundo Mágico.
Quatro histórias de um dos maiores fenômenos recentes do videogame, os heróicos irmãos Mario. Fenomenais recordistas de venda, suas aventuras são programadas contra o malvado Rei Kopa. Dublado.

AS VIAGENS DE GULLIVER ★★★
(Gulliver's Travels, EUA, 1939) Direção: Dave Fleischer. Opção.
Desenho absolutamente clássico que carrega forte marca dos irmãos Fleischer, Dave (diretor) e Max (produtor). Aqui eles adaptam o famoso conto de Jonathan Swift. Dublado.

AS CONFUSÕES DE UM ADORÁVEL CÃO ★★★
(The Dog's Tail Tale, EUA, 1985) Direção: Murray Ball. Alvorada.
Com personagens criados pelo próprio diretor, o desenho acompanha o salutar cotidiano da fazenda, na qual o dono e seu cachorro enfrentam os desagradáveis vizinhos do além-rio. Dublado.

MUSICAL

THE DOORS ★★★
(EUA, 1991) Direção: Oliver Stone. Com Val Kilmer, Meg Ryan, Kyle MacLachlan. LK-Tel/Columbia.
Biografia de Jim Morrison, o falecido líder dos The Doors. Apesar de várias licenças poéticas, o filme tem direção vigorosa, seqüências arrepiantes e elenco de primeira, com destaque para Kilmer *(Willow)*, que encarna Morrison à perfeição.

As novidades em *disc laser* incluem clássicos de suspense e western

TOTAL RECALL
(O Vingador do Futuro, EUA, 1990) Direção: Paul Verhoeven. Com Arnold Schwarzenegger, Rachel Ticotin, Sharon Stone, Ronny Cox. Formato CAV, 109 min. GCR.
No ano de 2084, um operário sonha em passar as férias em Marte. Como os custos da viagem são muito altos, resolve procurar uma empresa que implanta em seu cérebro memórias de uma possível viagem àquele planeta. Com essa ficção, inspirada em conto de Philip K. Dick (o mesmo autor da história original de *Blade Runner*), Schwarzenegger mostrou sua fina sintonia com o cinema enquanto entretenimento — indicou o roteiro e o diretor para a Carolco — e reafirmou sua imagem de grande astro em cenas de muita ação e violência explícita.

NORTH BY NORTHEST
(Intriga Internacional, EUA, 1959) Direção: Alfred Hitchcock. Com Cary Grant, Eva Marie Saint, James Mason, Martin Landau. Formato CLV, 136 min. MGM/UA.
Intriga Internacional é considerado o melhor filme de Hitchcock por compor de forma perfeita imagens de perseguição eletrizantes numa trama simples — um executivo nova-iorquino é confundido com um espião e tentam acusá-lo de um assassinato.

FOR A FEW DOLLARS MORE
(Por Alguns Dólares a Mais, Itália, 1965) Direção: Sergio Leone. Com Clint Eastwood, Gian Maria Volonté, Lee Van Cleef, Klaus Kinski. Formato CLV, 130 min. MGM/UA.
O *western spaghetti* do diretor Sergio Leone fez sucesso na década de 60 e lançou Clint Eastwood como o pistoleiro "sem nome", introduzido no filme anterior, *Por um Punhado de Dólares*. Nesta seqüência, Eastwood faz um pacto com Van Cleef para levar um sádico à frente da Justiça.

STAGECOACH
(No Tempo das Diligências, EUA, 1939) Direção: John Ford. Com John Wayne, Claire Trevor, Thomas Mitchell. Formato CLV, 96 min. Warner.
Clássico do western americano, o filme é impecável tecnicamente: direção, roteiro, fotografia, trilha e elenco. John Ford junta todos os ingredientes de ação do Velho Oeste e faz uma diligência atravessar o Monnument Valley e passar por vários perigos, como ataques dos selvagens índios apaches.

Todos esses títulos são importados, já que ainda não existem lançamentos de videolaser no Brasil. Podem ser encontrados nas lojas de discos e grandes magazines.

O cortejo em Dallas, no Texas, reconstituído pelo diretor. Instantes depois, o assassinato

Fotos Warner

Cinema como História

Com *JFK*, Oliver Stone mostra uma conspiração por trás do assassinato de John Kennedy e impulsiona a abertura de arquivos que só viriam a público no século XXI

O assassinato de John Fiztgerald Kennedy, na tarde do dia 22 de novembro de 1963, foi o acontecimento mais importante da história americana do pós-guerra: no espaço de algumas horas, os tiros desfechados em Dealey Plaza, Dallas, alteraram inteiramente não apenas a estrutura do poder nos Estados Unidos mas seus rumos políticos, sociais e históricos de um modo como nem mesmo seu antecedente mais imediato — o assassinato de Abraham Lincoln, um século atrás — havia conseguido.

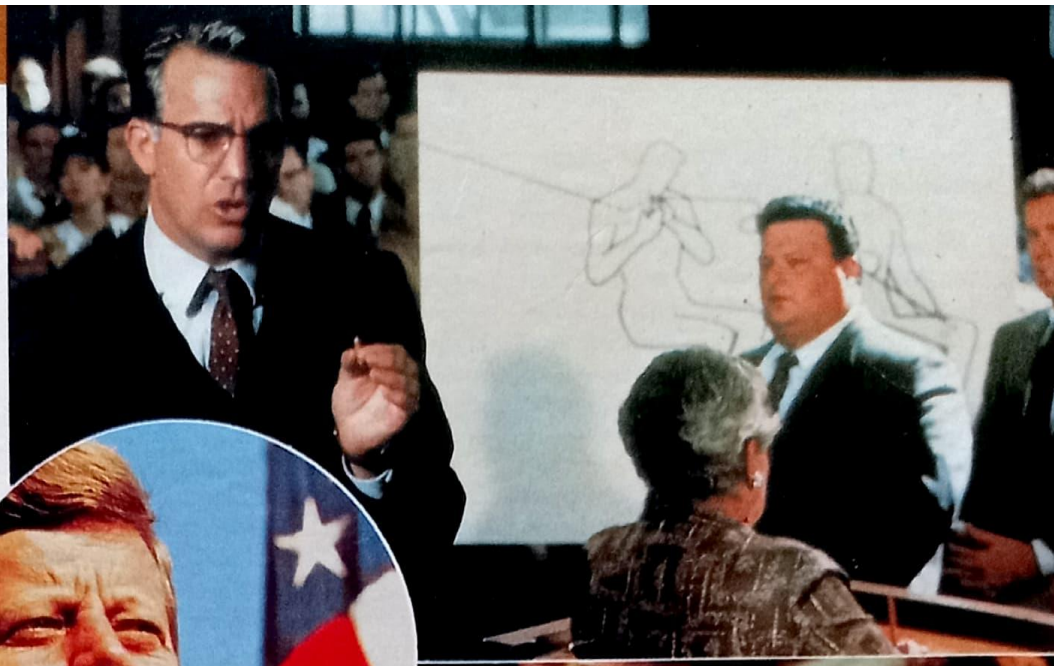
Foi também o primeiro assassinato político cometido diante de uma câmera de cinema.

Vinte e oito anos depois, é este elemento — a câmera solitária do cineasta amador Abraão Zapruder, que continuou rodando o seu 8 milímetros, trêmulo de horror mas implacável na certeza de estar documentando a história, mesmo quando o bom senso lhe dizia para fechar os olhos e sair correndo — que serve de âncora, baliza, coração e lança-chamas para o trabalho de outro cineasta, Oliver Stone. Como "um movimento circular, um

mantra" (palavras de Stone, leia entrevista), o filme de Zapruder, em toda a maravilha granulada de seu olhar exato, retorna, momento após momento, tecendo a narrativa de *JFK*. Eis o homem, dizem, num uníssono que engolfa três décadas, Zapruder e Stone. Pilhas e pilhas de papéis e palavras e intimidações e mentiras e meias verdades podem se acumular nas prateleiras da história, mas a imagem, fragilmente capturada na película de cinema, continuará a inundar as pupilas, horrível e poderosa em 1963 como em 1992. Mesmo que se ponham de lado todos os argumentos prós e contras à ambiciosa tese de Stone (e das dezenas de investigadores nos quais ele se baseou para escrever *JFK*), um fato continuará brilhando inequivocamente: os segredos mais medonhos da alma americana estão, para sempre, aprisionados nestas imagens. Nas de Zapruder, de uma candura absoluta. Nas de Stone, que as mostra de novo como ninguém as viu antes, decupadas e ampliadas até que seu fulgor queime as retinas, acorde as complacências. Cinema como história.

Ou, como quer Stone, como contramito. O que *JFK* propõe, e o que está irritando o *establishment* da mídia americana de uma forma tão histérica que dá até para suspeitar, é que se escancare de vez o armário onde estão os esqueletos do assassinato. Sua premissa é da mais absoluta simplicidade: as conclusões da Comissão Warren (que, em 1964, apontou Lee Harvey Oswald como único assassino de Kennedy, agindo inteiramente sozinho) são uma balela, uma mentira, um acobertamento da verdade. E a verdade seria que Kennedy fora assassinado por um complô de altíssimo nível, envolvendo a CIA, o FBI, o Pentágono e Lyndon Johnson. Por quê? "Porque ele ia alterar substancialmente a atuação dos Estados Unidos no mundo", diz Stone. "Ele estava prestes a se retirar do Vietnã, era a favor de conversações com os russos e, internamente, inteiramente a favor dos direitos civis."

Em outras palavras, o assassinato de Kennedy teria sido um golpe de estado, algo digno de uma republiqueta, algo impensável para a bem pensante mente americana. Um golpe de estado que se estendeu para os assassinatos de Robert Kennedy e Martin Luther King, pela escalada na guerra do Vietnã, a desestabilização da América Central, o aumento de poder daquilo que Stone chama de "governo paralelo" — os aparatos de inteligência e espionagem. Um golpe de estado cujo corolário óbvio é a total ilegitimidade de todos os governos a partir de Johnson.



O verdadeiro JFK e o promotor Jim Garrison (Costner) tentando provar sua tese no tribunal, a mulher (Sissy Spacek) acompanha e, abaixo, Gary Oldman como Lee Oswald

É um bocado de petulância para três horas e oito minutos de filme. Para discorrer seu contramito, Stone escolheu o mais improvável dos heróis, o promotor de New Orleans, Jim Garrison, único homem a levar a questão da conspiração para um tribunal. Em 1969, Garrison tentou, em vão, levar à cadeia um empresário de New Orleans, Clay Shaw, como conspirador. Clay, figura proeminente tanto dos círculos sociais quanto do *underground* gay da cidade, foi inocentado, mas, anos depois, foi tornado público seu envolvimento com a CIA. A essa altura, Garrison já era uma figura folclórica que muito poucos levavam a sério — mas entre os poucos estava a ativa comunidade de pesquisadores que, desde 1964, tenta provar que a história do dia 22 de novembro de 1963 não é bem assim. E Oliver Stone, que leu o livro de memórias de Garrison, *On the Trail of the Assassins*, em 1988.

Agora, Garrison tornou-se Kevin Costner e, na sua jornada para lançar luz sobre os desvãos do assassinato, Stone entreteceu as descobertas e hipóteses de batalhões de outros pesquisadores. Para "mapear essa jornada, que, eu sei, é muito árdua para todos", Stone colocou rostos conheci-

dos: Jack Lemmon como uma testemunha da conspiração, Gary Oldman como Oswald, John Candy como seu advogado, Donald Sutherland como um misterioso informante da CIA, Joe Pesci como um dos conspiradores, Sissy Spacek como a mulher de Garrison. Em um de seus habituais gestos de bravura, Stone coloca o próprio Garrison como seu maior inimigo, o juiz Earl Warren, chefe da comissão homônima, e Jack Valenti, presidente da Motion Picture Association, como Lyndon Johnson.

Mas, no coração de tudo, bate o filme de Zapruder. Com apaixonante velocidade, Stone guia o olhar do espectador pelo "labirinto dentro de um enigma no meio de um mistério", misturando documentários de época, recriações de cenas históricas, momentos de pura ficção,recontando sua história de um modo cada vez mais amplo e profundo — como em Z, sua referência mais imediata, até na escolha do título.

E, como o refrão obsessivo de sua canção, Stone volta às imagens granuladas do 8mm e lança as perguntas mais insistentes, mais difíceis: Quantos tiros? Partindo de onde? Atingindo o que, de que ângulo? Olhe, olhe, Stone e Zapruder convidam, insistem. Olhe, que para isto é o cinema, está tudo aqui.

O nível de revolta da mídia americana com o contramito de Stone tem sido tão impressionante que é difícil não se deixar levar pelas teorias semiparanóicas do cineasta: "O *establishment* da imprensa americana foi participante, ainda que por omissão, da mentira perpetrada pela Comissão Warren e não está gostando de ser desafiado", diz o diretor. Quando *JFK* ainda estava sendo rodado, o *Washington Post* e a revista *Time* já estavam chamando o projeto de "mentiroso" e "pura propaganda", baseado num primeiro esboço do roteiro que, diz Stone, até hoje ele não sabe como foi parar nas mãos dos jornalistas.

Com o filme estreado, o *Post* e o *New York Times* têm publicado matérias semanais batendo na mesma tecla: que Stone é um megalomaníaco mentiroso, que seu filme é "pura invencionice", "um perigo por distorcer fatos históricos e apresentá-los de forma tão convincente", escreveu o *Post*. "Estou disposto até a acreditar que houve uma conspiração, mas só quando fatos históricos e não fantasias paranóicas me forem apresentadas", escreveu Tom Wicker, um dos repórteres do *Times*, que cobriu o assassinato de Kennedy, na época.

Curiosamente, contudo, os críticos de cinema destes mesmos jornais têm sido unânimes: *JFK* é "espetacular", "extraordinário", "um dos melhores do ano", "apaixonante". Até mesmo no *New York Times*, onde parece haver uma ordem expressa para malhar *JFK* com regularidade (no último domingo um colunista, à falta do que comentar, reclamava da duração do filme), o crítico não conseguiu se segurar: "Pode não ser história, mas como espetáculo cinematográfico, que maravilha!"

Stone pegou fundo em um nervo exposto da alma americana, e está doendo demais.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

SET

JFK, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Oliver Stone ■ Com Kevin Costner, Tommy Lee Jones, Laurie Metcalf, Gary Oldman, Michael Rooker, Sissy Spacek, Joe Pesci ■ ROTEIRO: Oliver Stone e Zachary Sklar, baseado nos livros *On the Trail of the Assassins*, de Jim Garrison, e *Crossfire: The Plot That Killed Kennedy*, de Jim Marrs ■ FOTOGRAFIA: Robert Richardson ■ MÚSICA: John Williams ■ PRODUÇÃO: A. Kitman Ho e Oliver Stone para Le Studio Canal +, Regency Enterprises e Ancor Films/Ixtalan Corp. ■ DURAÇÃO: 190 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

ENTREVISTA

Oliver

Como historiador fora-da-lei, o diretor propõe um fim ao mito oficial

Com o rosto ainda cansado por um mês trancafiado na sala de montagem ("Eu não sei como ele conseguiu", disse o amigo e astro Kevin Costner. "Agora que sei um pouco sobre como os filmes são feitos, não consigo atinar como ele conseguiu montar um filme como este em apenas quatro semanas."), Oliver Stone senta-se para conversar num canto do restaurante dos estúdios da Sony, que gentilmente cedeu sua sala de exibição para uma sessão prévia de *JFK*. O café preto, forte e sem açúcar, está ali para afugentar os vestígios da maratona de semanas com doze horas diárias de trabalho, já debaixo do fogo cruzado da imprensa americana que,

Stone e Costner: paladinos da Justiça

Stone

desde o momento em que Stone anunciou seu projeto, não tem lhe dado trégua. "Eu sabia que era um vespeiro", ele diz, com um sorriso que lhe incendeia os olhos muito pretos. "Mas era um vespeiro que precisava ser cutucado. Que valia a pena ser cutucado."

Apaixonado por cinema e política, Stone em pouco tempo esquece o cansaço, envolvido no fogo cruzado de seu próprio trabalho.

O assassinato de Kennedy é, sem dúvida, um dos momentos mais importantes da história americana contemporânea. Por que, até agora, nenhum filme havia sido feito sobre ele?

OLIVER STONE — Não sei. Passaram-se 28 anos e, na verdade, um filme foi feito — *Executive Action*, que, creio eu, é um ótimo filme. Por que os cineastas não se interessaram? Eu não me apressei, não me atirei sobre o assunto, tanto tempo se passou... Mas não foi a mesma coisa com a guerra do Vietnã? Por que ninguém abordava a guerra em filme? Por quê? São perguntas muito difíceis de ser respondidas. Sim, creio, esses temas se tornaram tabu. Há um enorme medo da verdade neste país. Há um medo enorme de se reescrever a história. Eu, de minha parte, creio que tive sorte ao ser bem-sucedido com dois filmes sobre o Vietnã, *Platoon* e *Nascidoem 4 de Julho*. Creio que isso abriu as possibilidades de se fazer filmes sobre temas-tabu e, de certa forma, tive uma permissão da Warner Brothers para investigar cinematograficamente o assassinato de Kennedy. Me senti na obrigação de atacar um tema que eu sabia que seria difícil. Quando você está na disputa pelo título dos pesos pesados é melhor brigar com alguém do seu tamanho, não é?

Antes de você embarcar neste projeto, quais eram suas opiniões sobre o assassinato? E como, e por que, elas mudaram?

STONE — Eu estava no ginásio quando mataram Kennedy, e eu acreditei naquela história toda da Comissão Warren: o assassino solitário, Lee Oswald, tudo aquilo. O evento não teve maior impacto sobre mim do que teria, digamos, um acidente automobilístico. Fui em frente na minha jornada pessoal, fui para o Vietnã, e lá eu pude ver de perto pela primeira vez o que era um governo mentir para seu povo. O Vietnã abriu meus olhos, mas eu só fui fazer a ligação com a morte de Kennedy muito tempo depois, em 1988, quando li o livro de Jim Garrison, *On the Trail of the Assassins*. Aquilo me deu vontade de ler mais e mais sobre o assunto, e eu li vorazmente: o livro de Jim Marrs, *Crossfire*, outros pesquisadores, arquivos oficiais... E quanto mais eu lia mais fascinado e preocupado eu ficava, mas fatos perturbadores vinham ao meu conhecimento. Hoje, se eu tenho certeza de alguma coisa é de que a Comissão Warren mentiu ao povo americano, de que a guerra do Vietnã foi uma guerra da CIA, e de que ela está intimamente ligada ao assassinato de Kennedy. E que a morte prematura de Kennedy atirou este país num curso histórico inteiramente diverso. E que, provavelmente, a melhor coisa que podemos fazer, se o acesso à verdade continuar de todo bloqueado, é derrubar este governo e começar tudo de novo.

Como você mesmo disse, os elementos deste filme estiveram, ao longo de duas décadas, em livros. Onde você viu o filme a partir deste material?

STONE — Durante tanto tempo as informações estiveram dispersas em lugares diferentes, livros diferentes. Tudo estava fragmentado, então senti que apenas o cinema poderia reunir tudo isso num volume coerente, num fluxo de informação, por assim dizer, de forma que o público pudesse ver todo o quadro em torno do assassinato, por uma vez, de uma vez só. Minha idéia era reunir o maior número possível de fatos e colocar tudo num filme que pudesse ser digerido de forma relativamente rápida, de forma que as pessoas pudessem dizer "ei, esses são fatos antigos, como é que eu nunca ouvi nada a respeito?" Minha intenção era de ser uma espécie de historiador guerrilheiro e reexaminar completamente a história oficial acerca do assassinato.

Ao reunir esse volume impressionante de informações, você estava também criando um problema estético de proporções formidáveis, como contar tudo isso num filme. Como você resolveu essa questão?

STONE — Que bom! Que bom! Alguém está vendo meu filme como um filme! Bem, eu me deixei governar, estilisticamente, pelo próprio volume do material. Como chegar ao assunto da maneira mais rápida possível, sem matar o público de tédio? Porque era muito fácil fazer um monstrengo de quatro, cinco horas de pura chateação... O filme foi, então, construído em camadas que se alternam e se completam do modo mais rápido possível. Você tem um personagem, e a partir dele geramos um flash-back daquilo que ele está pensando ou recordando e, freqüentemente, partimos daí para outro flash-back. E cada uma dessas camadas de informação tem seu próprio estilo visual e sonoro. É uma montagem extremamente complexa. Creio que minha maior influência neste filme foi *Z*, de Costa Gavras, um filme que me marcou muito quando eu estudava cinema, um filme que adoro. Nele você vê um crime, primeiro, na superfície, e depois você o vê repetidas vezes, em níveis diferentes, como as camadas de uma cebola, aumentando a sua perspectiva até que você desce ao centro do enigma e vê o significado real de tudo. Este era o filme que eu queria fazer em *JFK*, um filme que evolui em círculos, em espiral, como um mantra, remetendo sempre ao mais básico elemento visual de todo o material, o filme de Zapruder, e trabalhando sobre ele da forma mais expressiva possível. Resumindo: chegar à essência de cada informação era o tema estilístico de cada cena.

Você ficou surpreso com a reação que *JFK* tem provocado? O que você tem a dizer quanto às críticas de que ele seria uma distorção da história?

STONE — Não posso me dizer surpreso com a reação, mas, de certa forma, intrigado com o fato de que tantas palavras tenham sido gastas para me atacar e atacar o meu filme, quando, durante todos esses anos, tão pouco foi oferecido pela mídia em repúdio ou investigação da Comissão Warren. E tão poucos, hoje, parecem dispostos a fazer a si mesmos as perguntas que este filme levanta. Eu me coloco, já disse, como um historiador fora-da-lei. O que proponho é uma hipótese. É um contramito para se antepor ao mito oficial da Comissão Warren, que, por mais de duas décadas, foi servido, mentirosamente, a este país. Será que a história não é perigosa demais para ser deixada apenas aos cuidados de historiadores? E de jornalistas? Se historiadores e jornalistas não atacam as questões que realmente importam à nossa sociedade, não é dever dos artistas fazê-lo?

A. M. B.

A ÚLTIMA TEMPESTADE

Peter Greenaway e seu enigma virtuosístico para poucos

A mais recente piração estética do inglês Peter Greenaway *(O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante)* é uma impressionante viagem lisérgica ao caldeirão de ambições, revanches, traições e poderes sobrenaturais que borbulha na ilha mediterrânea em que se passa *A Tempestade*, a última peça escrita por William Shakespeare. Na peça, Shakespeare narra a vingança de Próspero, ex-duque de Milão (interpretado por Sir John Gielgud), exilado numa ilha do Mediterrâneo por artes maquiavélicas de seu irmão Antonio, o usurpador do ducado, e da corte de Nápoles.

Próspero é uma espécie de alter ego de Shakespeare. Abandonado na ilha em companhia de seus livros e da filha Miranda (Isabelle Pasco), torna-se, com o passar dos anos e através da leitura de seus misteriosos compêndios, um mago onipotente. De posse de superpoderes, passa a reger a vida e a morte de quem lhe convém, como o escritor faz com seus personagens. Com a ajuda de Ariel, um espírito escravizado, Próspero concebe uma tempestade, que traz à ilha todos os seus antigos detratores — e deles faz gato-sapato.

Quando se assiste *A Última Tempestade*, a impressão é de que o filme é um samba do crioulo doido que tomou ecstasy. Primeiro porque, para imprimir na tela o conceito de que Próspero é, a um só tempo, personagem e autor da trama, Greenaway fez com que Gielgud interpretasse não só a parte de Próspero mas dublasse as falas de todos os outros papéis — o que cria uma razoável dificuldade na compreensão do roteiro. Depois, porque inventa títulos para os 24 livros de Próspero que Shakespeare jamais citou. Assim, os abracadabras do personagem ora vêm do *Livro da Mitologia*, ora do *Livro da Geometria*, e por aí vai — num exercício greenawayniano de virtuosismo acadêmico que se revela um enigma para o espectador comum.

Outras estripulias da adaptação: Greenaway multiplica Ariel em três anjos-cantores, povoa a ilha com divindades em pêlo e até transforma o monstruoso Caliban (Michael Clark) num fauno-bailarino das trevas. Apesar do eruditismo barroco, *A Última Tempestade* é um filme que dificilmente se resiste à tentação de ver diante da platitude do cinema atual. Usando vídeo de alta definição, o cineasta produz verdadeiros milagres visuais na tela, num bombardeio de cenários embasbacantes, imagens fantásticas, extasiantes, que iluminam o admirável talento de John Gielgud (em notável forma, aos 87 anos). Obra de gênio ou fal-

Fotos: Art Films

Próspero (Sir John Gielgud) e seu poder mágico imperando sobre a vida de Miranda (Isabelle Pasco) e Caliban (Michael Clark)

catrua para cinéfilo babar? As duas coisas.

Mario Nery

Prospero's Book, Inglaterra/França, 1991 ■ DIREÇÃO: Peter Greenaway ■ Com John Gielgud, Michael Clark, Michel Blanc, Isabelle Pasco ■ ROTEIRO: Peter Greenaway, adaptado da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare ■ FOTOGRAFIA: Sacha Vierny ■ MÚSICA: Michael Nyman ■ PRODUÇÃO: Kees Kasander para a Allarts-Cinea-Camera One-Penta/Elsevier Vendex Film-Four Intl. ■ DURAÇÃO: 155 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Tudo em família: Victoria Abril num momento *caliente* com Miguel Bosé, também amante de sua mãe

Top Tape

DE SALTO ALTO

Pedro Almodóvar engendra uma trama tresloucada com ares de novela das oito

"Convencional" é a última definição que se poderia dar a um filme de Pedro Almodóvar. O diretor espanhol já nos deu razões de sobra para enxergar que no mundo de suas histórias convivem alegremente junkies, transexuais, assassinos e freiras doidonas — personagens não exatamente corriqueiros. Quando alguém se apaixona num filme de Almodóvar, ou rapta ou mata o objeto de seu desejo.

É dupla a surpresa, portanto, de *High Heels*. Pedro engendra uma trama tresloucada para, no final, receber uma Janete Clair de frente.

Dessa vez ele envolve a apresentadora de telejornal Rebeca (Victoria Abril), sua mãe (Marisa Paredes) e um juiz (Miguel Bosé) num intrincado triângulo amoroso que resulta em crime. A mãe de Rebeca — uma cantora superestrela — acaba de retornar de anos fora da Espanha quando se envolve no assassinato do marido de Rebeca — na verdade, um antigo amante seu. Entra em cena, também, um travesti especializado em imitar a atriz, Letal.

O surrealismo de Almodóvar termina por aqui — mais precisamente no momento em que Rebeca, em plena transmissão da notícia em seu telejornal, confessa ter matado o marido. A "reconciliação" de Rebeca com a mãe — e a "revelação" da verdadeira identidade de Letal — vem depois com ares de novela das oito, mas sem o senso de humor e levando-se a sério.

Se tudo no filme fosse tão deliciosamente alucinado quanto o número musical criado numa prisão de mulheres...

José Emílio Rondeau

Tacones Lejanos, Espanha, 1991 ■ DIREÇÃO: Pedro Almodóvar ■ Com Victoria Abril, Marisa Paredes, Miguel Bosé, Pedro Diez Del Corral ■ ROTEIRO: Pedro Almodóvar ■ FOTOGRAFIA: Alfredo Mayo ■ MÚSICA: Ryuichi Sakamoto ■ PRODUÇÃO: Esther Garcia para a El Deseo S.A., associada à Ciby 2000 Production ■ DURAÇÃO: 115 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape

UMA HISTÓRIA AMERICANA

Como duas mulheres enfrentaram corajosamente o racismo nos anos 50

Em Montgomery, cidade do líder Martin Luther King, no ano de 1955, os negros não podiam se sentar nos bancos dos ônibus, ainda que eles estivessem vazios. A prisão de uma mulher negra por violar essa regra dá início a um boicote sem precedentes no estado e à luta pelo reconhecimento dos direitos dos cidadãos negros, inclusive o de votar, previstos na Constituição americana.

Essa história essencialmente política é contada através do relacionamento singelo entre a esposa dondoca Miriam Thompson (Sissy Spacek), dividida entre a administração do lar e os compromissos "socialites" de mulher de "classe A" e a discreta empregada Odessa Cotter (Whoopi Goldberg).

Miriam, praticamente criada por uma negra, como rezava o costume da época, fica sensibilizada com o sacrifício diário de Odessa, de caminhar mais de nove quilômetros até sua casa para trabalhar, e encontra um jeito de lhe oferecer periódicas caronas. Quando o sr. Thompson (Schultz), membro do Conselho dos Cidadãos Brancos, descobre a "mãozinha" que sua esposa dá a Odessa, começam as discussões. Antes serena, a família entra em turbulência.

Do estopim político do boicote ao estopim emocional e existencial das duas mulheres são reveladas as fragilidades do "lar" perfeito e opulento de Miriam, a fé e simplicidade da vida de Odessa e o presente maior, a emoção pura e singela que pode nascer entre duas pessoas muito diferentes quando a honestidade e a sensibilidade se instauram.

Uma História Americana foi totalmente filmado em Montgomery e utilizou extras que participaram do boicote há trinta anos atrás. Mas é uma história universal porque narra um rito de passagem, o amadurecimento pessoal de gente obrigada a reagir a situações que o cotidiano impõe com sensibilidade ímpar. Aguçada pela delicada trilha sonora de George Fenton.

Fátima Gigliotti

The Long Walk Home, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Richard Pearce ■ Com Sissy Spacek, Whoopi Goldberg, Dwight Schultz, Ving Rhames ■ ROTEIRO: John Cork ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: George Fenton ■ PRODUÇÃO: Howard W. Koch Jr., Dave Bell para a New Visions Pictures ■ DURAÇÃO: 97 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Fotos Pandora

O mundo socialite de Sissy Spacek e a vida dura de Whoopi Goldberg: amizade contra o racismo

Fotos Fox

Completamente debilitado em cativeiro, James Caan aguarda o terrível momento em que Kathy Bates, acima, termine de ler *Misery* e vire um monstro

LOUCA OBSESSÃO

Suspense no melhor estilo hitchcockiano com um duo de interpretações primorosas

Pela segunda vez o filho do diretor Carl Reiner, Rob Reiner, volta a adaptar uma obra de Stephen King. Coincidência ou não, o fato é que os dois filmes destacam-se do conjunto de produções de Reiner. Um dado curioso que conecta o inspirado *Conta Comigo* (*Stand by Me*, 1986), baseado no livro *The Body*, a este último, uma transposição de *Misery*, é que ambos são relatos que partem do ponto de vista de escritores. Em *Conta Comigo*, o escritor abre a narrativa do filme relembrando com nostalgia um fato pitoresco de sua infância, durante o registro de seu romance autobiográfico — uma aventura de garotos em busca de um cadáver na floresta.

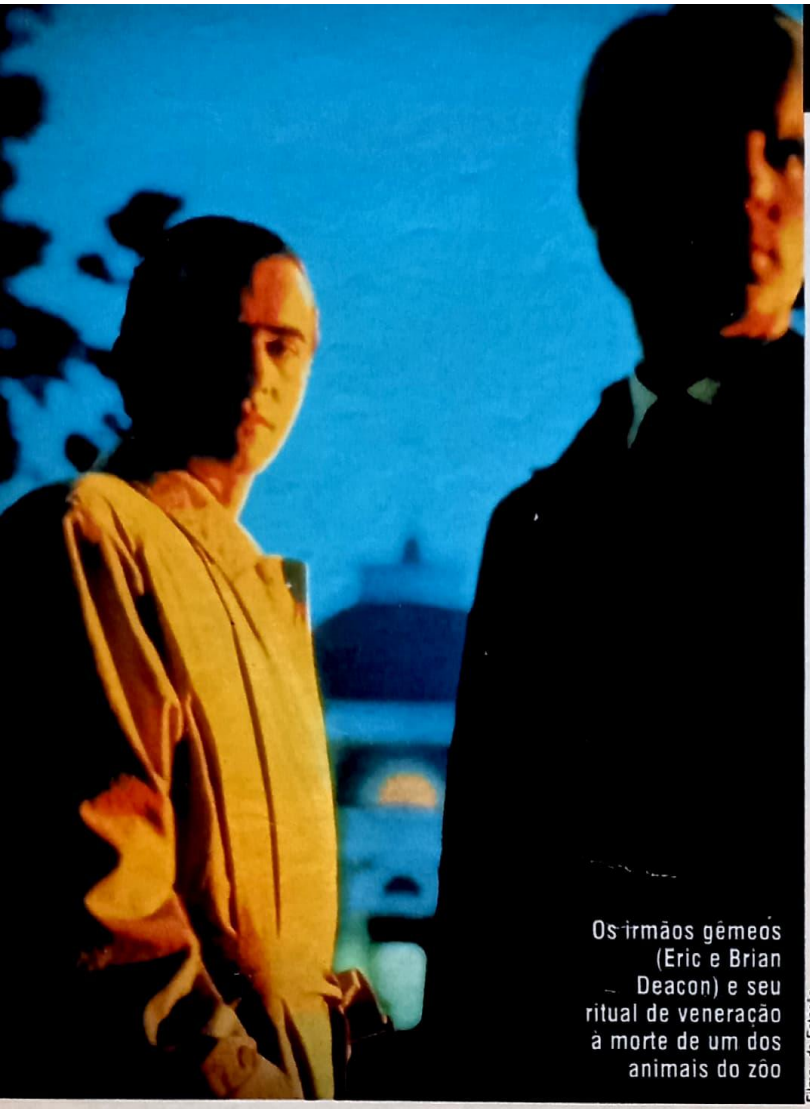
Ao contrário do escritor vivido por Richard Dreyfuss em *Conta Comigo*, um elemento praticamente ausente na narrativa, quase um mestre-de-cerimônias, seu colega de profissão em *Louca Obsessão*, Paul Sheldon (impecavelmente interpretado por James Caan) é o protagonista central da ação, na qual o ato de escrever passa a ser o motivo circunstancial dos terrores sofridos. Para Paul, o destino é trágico-irônico quando ele resolve matar a personagem Misery Chastain depois de inúmeros best-sellers com a heroína, tentando assim alcançar uma outra etapa de maturidade literária.

Sob uma tempestade de neve, ao voltar das montanhas de Reno, Nevada, onde concluiu sua obra, ele sofre um acidente quando seu carro cai numa encosta. Com as duas pernas quebradas, Paul é salvo pela viúva Annie Wilkes (Kathy Bates), por coincidência "sua fã número um". Alojado num ranchinho bucólico e quase inacessível, Paul suspira aliviado ao perceber que está em boas mãos. Mas não por muito tempo, pois ao ler *Misery* em primeira mão, e descobrir que Paul matou a personagem, Annie revela-se uma psicótica de alta periculosidade. Ela não apenas resolve manter o escritor em cativeiro no quarto como exige que ele queime o livro e escreva outro, intitulado *O Retorno de Misery*. Torturado e ameaçado fisicamente por Annie, Paul é forçado a usar a imaginação para escrever o livro e, ao mesmo tempo, elaborar uma fuga. Ele sabe que a morte o espreita a cada segundo e que a dor física e a tensão psicológica pedem uma saída com urgência.

Não foi por menos que Kathy Bates levou o Oscar de melhor atriz. Seu desempenho, que vai da candura à possessão absoluta, é magistral. Num suspense com enquadramentos carregados de ângulos oblíquos, de uma elegância clássica *à la* Hitchcock, James Caan e Kathy Bates travam um dos melhores duelos da temporada.

Walter de Silva

Misery, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Rob Reiner ■ Com James Caan, Kathy Bates, Richard Farnworth, Frances Sternhagen, Lauren Bacall ■ ROTEIRO: William Goldman, baseado no livro *Misery*, de Stephen King ■ FOTOGRAFIA: Barry Sonnenfeld ■ MÚSICA: Marc Shaiman ■ PRODUÇÃO: Andrew Scheinman e Rob Reiner para a Castle Rock Ent. em associação a Nelson Ent. ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox



Os irmãos gêmeos (Eric e Brian Deacon) e seu ritual de veneração à morte de um dos animais do zôo

Filmes do Estação

ZOO — UM Z E DOIS ZEROS

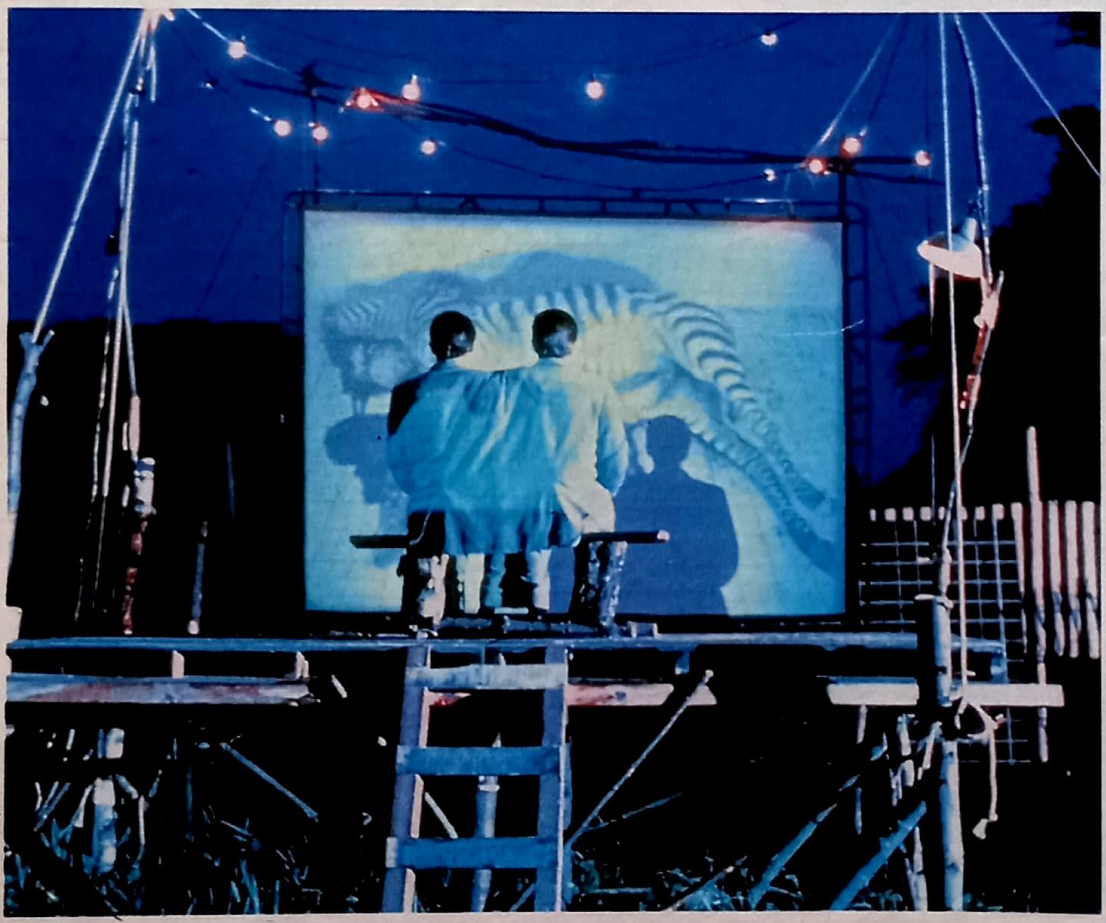
Maçãs em decomposição e amebas em mais uma charada sobre a vida e a morte

Quando Alba Bewick (Andrea Ferreol) anuncia seu epitáfio, "Aqui há um corpo cortado para poder ser enquadrado", em uma das cenas deste segundo longa de Peter Greenaway, ela define o filme e boa parte da obra posterior do diretor britânico, estilista das telas, pintor de belas cenas que não hesita em falar de conteúdos bizarros enquadrados sob uma beleza plástica inigualável.

Alba é a sobrevivente de um estranho acidente de carro, causado por um cisne, no qual morrem suas duas amigas. Elas eram esposas de Oliver e Oswald Deuce (Eric e Brian Deacon), gêmeos zoólogos curadores do zoológico local. Inconformados com a morte trágica das esposas, eles iniciam uma investigação insólita sobre a origem e o fim da vida. Enquanto imagens de amebas e crustáceos, maçãs e animais em decomposição invadem a tela, a prostituta Vênus de Milo (Frances Barber) inventa histórias pornográficas, o dr. Van Meegeren (Gerald Thoolen) amputa a segunda perna da sobrevivente e pinta quadros inspirados na obra do holandês Vermeer, e os gêmeos amam Alba e lhe dão dois filhos gêmeos.

A vida e a morte têm um retrato obsessivo realizado pelas mãos de Greenaway, dominado pela simetria absurda construída com cenários milimetricamente centrados no meio da tela, para que Oliver, à direita, e Oswald, à esquerda, dividam igualmente suas cenas e experiências, e tenham um curso duplamente trágico, mas único.

Fátima Gigliotti



Filmes do Estação

A Zed & Two Noughts, Inglaterra, 1985 ■ DIREÇÃO: Peter Greenaway ■ Com Andrea Ferreol, Brian Deacon, Eric Deacon, Frances Barber, Joss Ackland ■ ROTEIRO: Peter Greenaway ■ FOTOGRAFIA: Sacha Sainsbury ■ MÚSICA: Michael Nyman ■ PRODUÇÃO: Peter Greenaway para o The British Film Institute e Allarts Enterprise BV/Artificial Eye Film Company Limited ■ DURAÇÃO: 115 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Filmes do Estação

A cantora (Viktor Lazlo) perde a cabeça e os sapatos depois de um drink afrodisíaco

Imovision

BOOM BOOM

Comédia despretensiosa narra romance entre vizinhos em clima de bolero

Nem só de escracho deslavado de Pedro Almodóvar vive o cinema espanhol. Ainda há espaço para comédias despretensiosas, que, à parte resvalarem ao banal, divertem o público e não fazem feio na realização. É o caso deste *Boom Boom*, que em português bem podia se chamar Bombom, já que parece uma sobremesa que acaba logo... Mas *Boom Boom* imita o descompasso de corações acelerados, numa Barcelona que inspira paixões.

A cantora Sofía (Viktor Lazlo), bonitona, é uma dentista que acaba de romper uma história de amor. Magoada, jura não se envolver com mais ninguém. No mesmo edifício, Tristán (Sergi Mateu), dono de uma sapataria, também passa maus bocados afetivos. Por uma série de coincidências provocadas por um amigo comum, Ángel (Fernando Guillén Cuervo), Sofía e Tristán se apaixonam sem saber que são vizinhos. O charme da direção de Rosa Vergés fica por conta da trilha sonora, "caliente" como um bolero acelerado.

Cesar Garcia Lima

Boom Boom, Espanha/França, 1990 ■ DIREÇÃO: Rosa Vergés ■ Com Viktor Lazlo, Sergi Mateu, Fernado Guillén Cuervo, Àngels Gonyalons ■ ROTEIRO: Jordi Beltran e Rosa Vergés ■ FOTOGRAFIA: Joseph Maria Civit ■ MÚSICA: Miguel Rejas ■ PRODUÇÃO: Rosa Romero e Benoit Lamy para a Arsenal Films e Lamy Films ■ DURAÇÃO: 92 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Imovision

O PAI DA NOIVA

Steve Martin não deixa de ser comediante mesmo quando deve fazer um pai preocupado

O maior inimigo desse filme é ele mesmo: comparado à produção original em que se baseia, lançada em 1950, o novo *Father of the Bride* empalidece. No mesmo papel que antes foi de Spencer Tracy, Steve Martin é o pai confuso com a proximidade do casamento da filha (a estreante Kimberly Williams). Ele desaprova o namorado, assusta-se com o tamanho da conta que lhe é apresentada para o casório, mas quase nunca deixa de parecer um comediante, e não um pai que verdadeiramente ama a filha e teme perdê-la para sempre — para um outro homem, ou apenas para o mundo — depois do casamento. O melhor do filme acabam sendo as intervenções de Martin Short e B.D. Wong, os coordenadores da festa.

José Emílio Rondeau

Father of the Bride, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Charles Shyer ■ Com Steve Martin, Diane Keaton, Kimberly Williams, Martin Short, Kieran Culkin ■ ROTEIRO: Frances Goodrich, Albert Hackett, Nancy Meyers, Charles Shyer, baseado na novela de Edward Streeter ■ FOTOGRAFIA: John Lindley ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ PRODUÇÃO: Nancy Meyers, Carol Baum, Howard Rosenman para a Touchstone Pictures/Touchwood Pacific Partners I e Sandy Gallin/Sandollar Prods. ■ DURAÇÃO: 105 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Warner

Warner

Steve Martin, o pai, e Kimberly Williams, a noiva: nada a ver

O CASTELO DE MINHA MÃE

A GLÓRIA DE MEU PAI

A simplicidade impera em dois grandes pequenos filmes inspirados em Marcel Pagnol

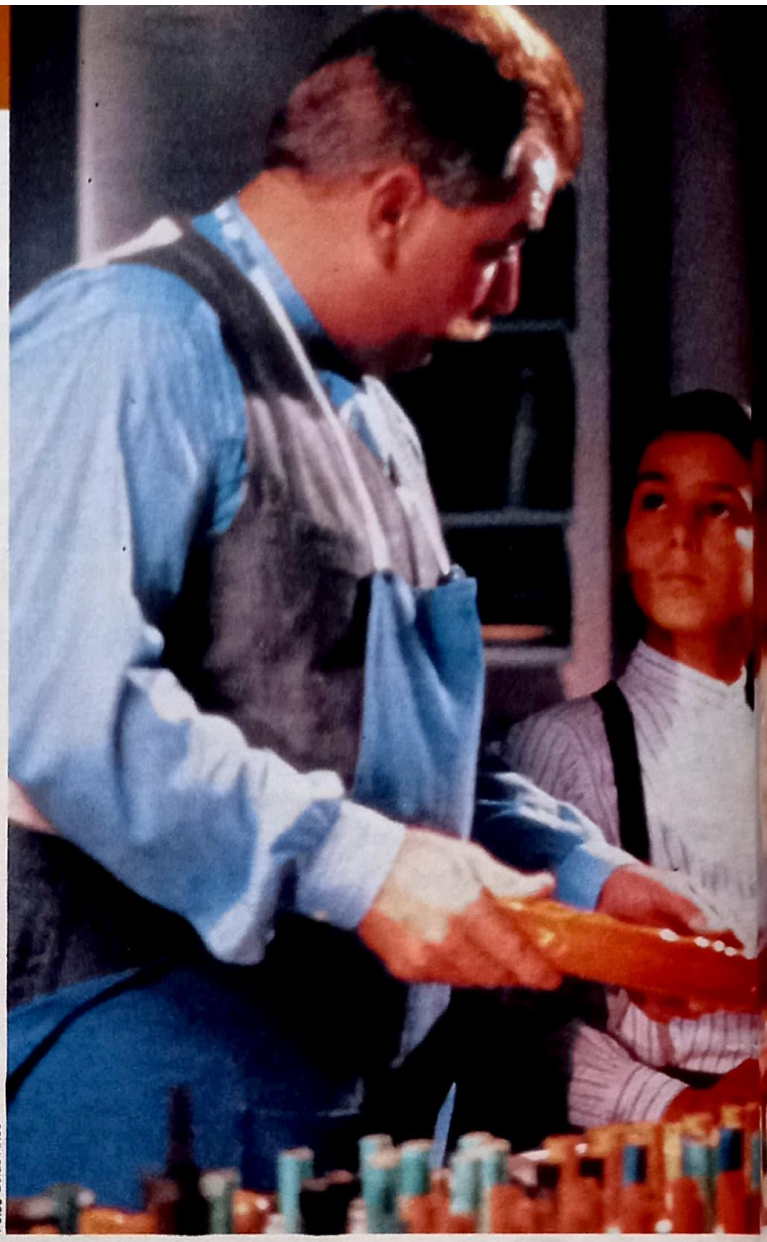
Quatro filmes inspirados na obra do escritor e cineasta Marcel Pagnol (1895-1974) lavaram a alma do cinema francês nos últimos anos. *Jean de Florette* e *Manon des Sources* (de 1986), dirigidos por Claude Berri, e *A Glória de Meu Pai* e *O Castelo de Minha Mãe* (1989), por Yves Robert, fizeram mais pelo cinema e pela paciência do espectador que mil *Delicatessen* juntos.

Os dois filmes de Robert *(A Guerra dos Botões)* inspiraram-se diretamente nos livros autobiográficos de Pagnol, concentrando-se na infância do protagonista. Infância muito feliz por sinal, vivida na aridez da região de Provença, sul da França. *A Glória de Meu Pai* conta a história do menino Marcel e sua família: o pai, um mestre-escola, a mãe, costureira, o irmão menor e certas férias inesquecíveis nas montanhas provençais. Lá, o garoto descobre a camaradagem de um nativo, além de outros tipos esquisitos, e assiste à transformação do pai num caçador de primeira.

Em *O Castelo de Minha Mãe*, a família retorna às montanhas, desta vez munida de um estratagema para encurtar as distâncias: cortar caminho pelas propriedades onde se encontram os castelos. O fiscal dos canais que atravessam a região, responsável pelas chaves dos portões, é antigo aluno do pai. Mas eles são descobertos e humilhados pelo guarda local.

São duas histórias simples, dois filmes menores, em que o encanto está em toda parte: nos atores, na atmosfera, no bom humor que preside quase todas as seqüências. É a maneira francesa de fazer cinema, aquela que, quando bem-sucedida, distancia-se dos ícones da modernidade para alinhar-se com as obras despretensiosas e boas de se ver de um Jean Renoir ou um François Truffaut.

Os trabalhos de Robert são obras-primas no que se propõem e divertem na sua modéstia. Devem ser vistos na sua seqüência natural: primeiro, *A Glória;* depois, *O Castelo*. No final, somos tomados pela mesma nostalgia que acomete o personagem Marcel ao deparar, já adulto, com um dos castelos que atravessara com a família, todos tremendo como varas verdes.



Fotos Belas Artes

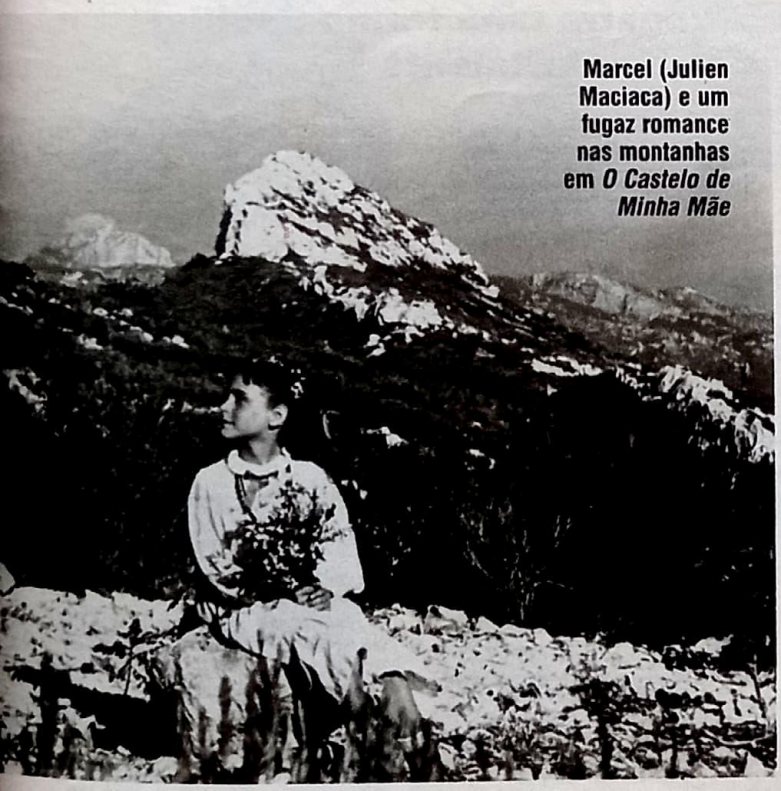
Parecem-nos histórias que poderiam muito bem não acabar nunca. O que é, justamente, o segredo de qualquer grande filme.

Carlos Volpato

Le Château de Ma Mère, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Yves Robert ■ Com Philippe Caubère, Nathalie Roussel, Didier Pain, Thérèse Liotard, Jean Carmet ■ ROTEIRO: Jerome Tonnerre e Yves Robert, baseado na obra de Marcel Pagnol ■ FOTOGRAFIA: Robert Alazraki ■ MÚSICA: Vladimir Cosma ■ PRODUÇÃO: Alain Poiré para a Gaumont Production ■ DURAÇÃO: 110 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Belas Artes

La Gloire de Mon Père, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Yves Robert ■ Com Philippe Caubère, Nathalie Roussel, Didier Pain, Thérèse Liotard ■ ROTEIRO: Jerome Tonnerre, Louis Nucera e Yves Robert, baseado na obra de Marcel Pagnol ■ FOTOGRAFIA: Robert Alazraki ■ MÚSICA: Vladimir Cosma ■ PRODUÇÃO: Alain Poiré para a Gaumont Production ■ DURAÇÃO: 110 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Belas Artes

A família prepara os cartuchos para a caçada de *A Glória de Meu Pai*



Marcel (Julien Maciaca) e um fugaz romance nas montanhas em *O Castelo de Minha Mãe*

Top Tape

O psicopata Lithgow dá uma mostra de seu ofício

RICOCHET

Diretor enterra bons atores e argumento num bolo de efeitos especiais

O diretor Russel Mulcahy não é nenhum novato no território dos filmes de ação — afinal, são dele os clássicos cult *Razorback* e *Highlander*. Mas em *Ricochet*, ele parece ter deixado seu passado de videoclipeiro sobrepujar o de contador de histórias que, espera-se, moraria num diretor. O visual, portanto, é muito mais divertido e interessante do que a maneira primária como é mostrado o confronto entre um psicopata (John Lithgow) e o policial que o mandou para o xilindró (Denzel Washington), hoje um poderoso integrante da promotoria pública. Como vingança pelo tempo passado detrás das grades, ele monta uma campanha para destruir a vida do ex-policial — usando, para isso, drogas, seqüestro, mais videoteipes comprometedores. É pena que bons atores e uma boa premissa básica tenham sido enterradas num bolo de noiva de efeitos especiais.

José Emílio Rondeau

Ricochet, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Russel Mulcahy ■ Com Denzel Washington, John Lithgow, IceT, Kevin Pollak ■ ROTEIRO: Steven E. de Souza, baseado na história de Fred Dekker e Menno Meyjes ■ FOTOGRAFIA: Peter Levy ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ PRODUÇÃO: Joel Silver e Michael Levy para a Silver Pictures em associação com a Cinema Plus/HBO DISTRIBUIÇÃO: Top Tape

MISSISSIPPI MASALA

O amor inter-racial tratado com simpatia e despretensão

Como os quase 500 mil asiáticos expulsos de Uganda em 1972 pelo ditador Idi Amin Dada, a família do indiano Jay (Roshan Seth) é obrigada a refugiar-se nos Estados Unidos, onde passa a viver junto à comunidade negra do Mississippi.A coexistência é das mais pacíficas até que Mina (Sarita Choubhury), filha de Jay, se apaixona pelo negro Demetrius (Denzel Washington, Oscar de ator coadjuvante por *Tempo de Glória*), o que detona o preconceito enraizado e até então dissimulado.

Mississippi Masala é o segundo filme da diretora indiana Mira Nair, que faz um discurso simpático e despretensioso sobre o racismo e o aculturamento das minorias (Masala representa a mistura das cores), um trabalho que mereceu destaque com o prêmio de melhor roteiro no Festival de Veneza do ano passado.

Cristina Nastasi

Mississippi Masala, EUA/India, 1991 ■ DIREÇÃO: Mira Nair ■ Com Denzel Washington, Sarita Choubhury, Roshan Seth, Joe Seneca ■ ROTEIRO: Sooni Taraporevala ■ FOTOGRAFIA: Ed Lachaman ■ MÚSICA: L. Subramaniam ■ PRODUÇÃO: Michael Nozik e Mira Nair para a Odissey/Cinecom Intl. of a Mirabi Films, associada à Movieworks ■ DURAÇÃO: 118 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Imovision

A sonhadora Mina (Sarita Choubhury): amor inter-racial

Imovision

UM DIA PARA NÃO ESQUECER

A fabulosa Giulietta Masina orquestra uma trama familiar com muito talento

Giulietta Masina, a senhora Fellini, terna prostituta de *As Noites de Cabíria* (1954) e idosa *partner* de Mastroianni em *Ginger e Fred* (1986), retorna num filme do francês Jean-Louis Bertucelli (*Remparts d'Argile*, 1970; *Paulina 1880*, 1972; *Stress*, 1984). Ela é uma velha senhora italiana (há 50 anos na França) e recebe os parentes em sua casa campestre após anunciar a venda da propriedade. Rivalidades familiares, vinhos, frios, patos selvagens, brincadeiras infantis, risos e lágrimas entram no coquetel doce e despojado de Bertucelli. A neta revela uma inoportuna gravidez, e o neto "virtuose" é obrigado pelo pai a tocar violino, enquanto a matriarca espera seu foragido filho ladrão, o predileto.

A fabulosa Masina, com seus olhos fundos e expressivos, centraliza a trama com muito talento.

Antonio Querino Neto

Aujourd'hui Peut-être..., França, 1991 ■ DIREÇÃO: Jean-Louis Bertucelli ■ Com Giulietta Masina, Eva Darlan, Véronique Silver, Jean-Philippe Puymartin ■ ROTEIRO: Isabelle Mergault e Jean-Louis Bertucelli ■ FOTOGRAFIA: Bernard Lutic ■ MÚSICA: Jean-Pierre Ruh ■ PRODUÇÃO: Marie-Christine de Montbrial, Michel Frichet, Jo Siritzky para a Agepro Cinéma/MF Productions/Sedpa/Cité Films ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Pandora

Giulietta Masina catalisa a atenção e o drama de sua família

Orquestra pró-música/RJ - Ricardo Malta

***HR-D941M** - STEREO Hi-Fi DE ALTA FIDELIDADE, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, D.A. 4 HEAD, CENTRO INTELIGENTE DE INFORMAÇÕES, SISTEMA INTELIGENTE DE CONTROLE, SISTEMA INTELIGENTE DE ACESSO, CONTROLE REMOTO COM JOG/SHUTTLE.*

Finalmente, o som à altura da melhor imagem.

***GR-AX10U** - ILUMINADOR EMBUTIDO, ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS COM MACRO - A PARTIR DE 1,5 cm, DIGITAL SUPERIMPOSE COM 8 CORES, 1 LUX DE SENSIBILIDADE, AUTO TRACKING DIGITAL.*

***GR-315UM** - ZOOM 8X MOTORIZADO EM 2 VELOCIDADES, AUTO FOCUS DE ALCANCE TOTAL, 2 LUX DE SENSIBILIDADE, TRACKING DIGITAL AUTOMÁTICO, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.*

***GR-SX90U** - SUPER VHS E SOM STEREO Hi-Fi, ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS COM MACRO AUTOMÁTICO - A PARTIR DE 1,5 cm, 400 LINHAS DE RESOLUÇÃO HORIZONTAL, DIGITAL SUPERIMPOSE COM 8 CORES.*

***GR-AX15UM** - ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS - A PARTIR DE 1,5 cm, 1 LUX DE SENSIBILIDADE, TRACKING DIGITAL AUTOMÁTICO, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.*

O inventor do VHS não se conformaria somente com a melhor imagem. Porisso, a JVC lança agora, o videocassete HR-D941M Stereo Hi-Fi. Isso significa um som claro, potente e límpido, que deixa para trás o conceito de vídeo estéreo convencional.

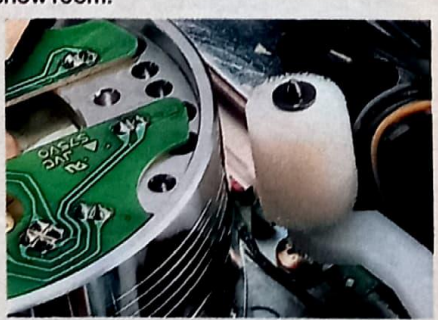
A imagem tem a garantia das 4 cabeças com Auto-Limpeza Automática e seleção automática de sistema DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, além da nova CENTRAL DE INTELIGÊNCIA: • Centro Inteligente de Informações: indica no display, as funções do vídeo • Sistema Inteligente de Controle: rastreamento digital automático para seleção do modo de reprodução mais adequado às condições da fita (Normal/Realçado/Cópia de Fita/Ponto Suave ou Ponto Normal) • Sistema Inteligente de Acesso: reprodução e gravação iniciadas 3 décimos de segundo após o comando, busca em altíssima velocidade, busca de índice, repetição total/trecho, retorno ou busca expressa.

O sofisticado Controle Remoto do HR-D941M, além de comandar todas as funções, dispõe do exclusivo controle giratório Jog/Shuttle para a localização precisa do ponto da fita desejado, movendo a imagem em velocidades variáveis (câmera lenta, rápida ou quadro-a-quadro).

Venha ver e ouvir o HR-D941M e toda a linha JVC (com 1 ano de garantia), no nosso show room.

Tudo, à altura de quem inventou o VHS, a JVC.

GARANTIA 1 UM ANO



Cada vez que a fita é colocada ou retirada nos novos vídeos e câmeras JVC, o sistema Auto-Limpeza das Cabeças é acionado.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE VENDAS:(011) 815-9144

JVC®

Henrique V

F. J. Lucas

O Oscar Escondido

O assunto preferido nesta época do ano é a festa do Oscar e suas premiações. Poucos se lembram, no entanto, daqueles filmões que já tiveram seus dias de glória e foram contemplados com estatuetas e elogios da crítica e do público. Com o passar do tempo, contudo, vão sendo substituídos por novas e avançadas pérolas da técnica cinematográfica e, nas prateleiras das locadoras, são esquecidos. Por isso, na hora de alugar uma fita, não deixe de procurar um desses clássicos do cinema oscarizado.

por Deborah Peleias

JEZEBEL
(EUA, 1938) Direção: William Wyler. Com Bette Davis, Henry Fonda, George Brent, Fay Bainter. Prêmios: atriz (Bette Davis) e atriz coadjuvante (Fay Bainter). Warner.
Bette Davis está no auge da formosura (tinha apenas 30 anos) como Julie, moça mimada e perversa da alta sociedade de New Orleans, em 1852. Bette arrasa logo no início do filme, quando chega para uma festa vestindo roupa de montaria e quebra todas as regras das boas maneiras (aliás, seu maior mérito). Vale lembrar que *Jezebel* é a resposta da Warner à Metro, que realizou na mesma época *...E o Vento Levou.*

O SÉTIMO VÉU
(The Seventh Veil, Inglaterra, 1945) Direção: Compton Bennett. Com James Mason, Ann Todd, Herbert Lom. Prêmio: roteiro original (Muriel e Sydney Box). F.J. Lucas.
Ano pródigo para os ingleses: seis filmes chegaram em Hollywood e abocanharam onze prêmios. Melhor para o espectador, pois *O Sétimo Véu* é um arranca-lágrimas dos mais classudos. E não foi à toa que o roteiro levou o Oscar. Misturando música clássica e sessões de análise freudiana, a história de uma pianista, que, depois de um acidente, não consegue mais praticar sua arte, emociona até os mais duros corações.

UMA MULHER DO OUTRO MUNDO
(Blithe Spirit, Inglaterra, 1945) Direção: David Lean. Com Rex Harrison, Constance Cummings, Kay

Jezebel

Stills

VTI

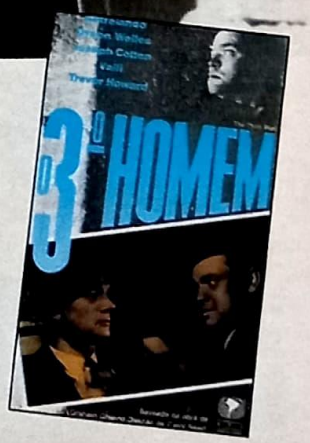
F.J. Lucas

Hamond. Prêmio: efeitos especiais (Thomas Howard). F.J. Lucas.
Os fantasmas de suas ex-mulheres assombram o coitado Rex Harrison. Não se cansam de brigar entre elas, andar pela casa abrindo e fechando portas, assustando os empregados e só sossegam quando concretizam seu plano. Terceiro longa de Lean (que realizaria alguns anos depois a superprodução *Lawrence da Arábia*) e deu a chance ao diretor de experimentar o gênero comédia. Produto quase artesanal na técnica dos efeitos especiais — convincentes e verossímeis.

HENRIQUE V
(Henry V, Inglaterra, 1944) Direção: Laurence Olivier. Com Laurence Olivier, Robert Newton, Leslie Banks. Prêmio especial para Laurence Olivier pelo seu trabalho como ator, produtor e diretor. F.J. Lucas.
O melhor ator shakespeariano de todos os tempos enfim é devidamente premiado na meca cinematográfica (o filme concorreu ao Oscar em 1946, pois entrou em cartaz nos EUA em 1945). Saído do teatro inglês, Sir Olivier debutou na direção com *Henrique V*, sua primeira adaptação da trilogia de Shakespeare (depois viriam *Hamlet* e *Ricardo III*), sobre a batalha do Exército inglês contra os franceses em Agincourt, em 1417. Considerada uma obra completa e um espetáculo obrigatório, mereceu da exigente crítica americana Pauline Kael a seguinte definição: "Um triunfo da cor, da música e da poesia heróica". Kenneth Branagh faria a sua corajosa versão em 1989.

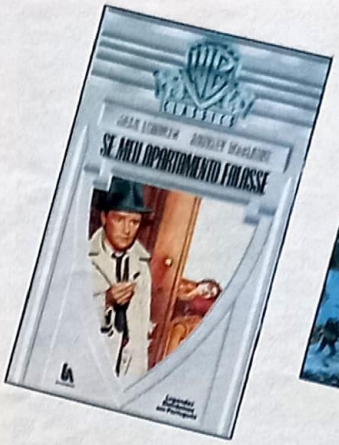
O Terceiro Homem

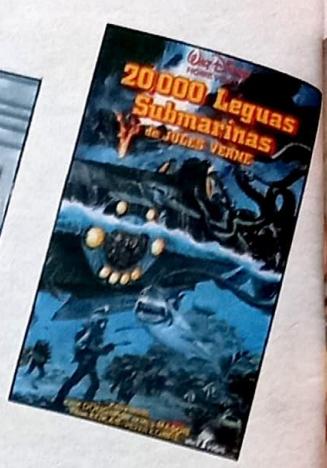
O TERCEIRO HOMEM
(The Third Man, Inglaterra, 1949) Direção: Carol Reed. Com Orson Welles, Joseph Cotten, Trevor Howard, Alida Valli. Prêmio: fotografia em preto-e-branco (Robert Krasker). VTI.
Depois de receber o Grande Prêmio em Cannes e ser eleito o melhor filme pela Academia Cinematográfica Britânica, Carol Reed conquistou Hollywood. O excelente thriller de Reed e Graham Greene (adaptado de uma novela do romancista) tem uma atmosfera barroca (se passa na Viena do pós-guerra) e decadente. Orson Welles como Harry Lime (americano sagaz e diabólico) faz o equilíbrio exato com Trevor Howard, ingênuo e honesto que se desilude ao descobrir as tramas macabras do amigo. Só a perseguição final nos esgotos da cidade já justifica o Oscar que levou.



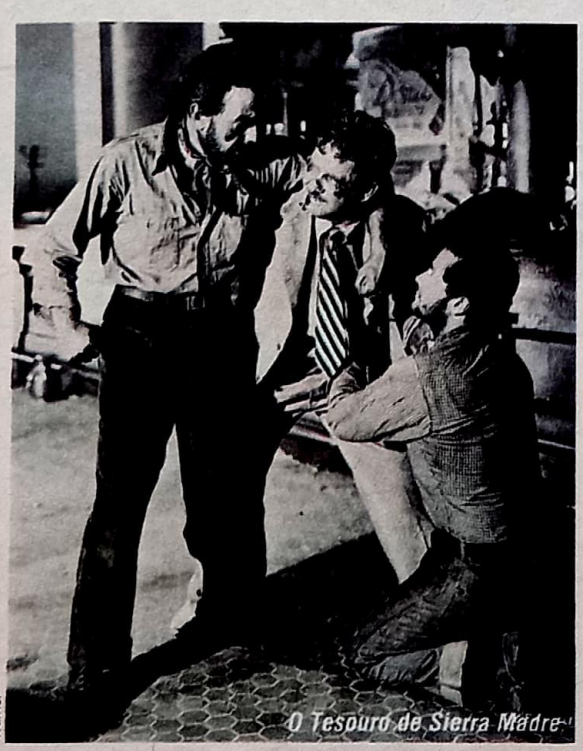
Se Meu Apartamento Falasse

Warner





O TESOURO DE SIERRA MADRE
(The Treasure of the Sierra Madre, EUA, 1948) Direção: John Huston. Com Humphrey Bogart, Tim Holt, Walter Huston, Bruce Bennett, Barton MacLane. Prêmios: ator coadjuvante (Walter Huston), diretor (John Huston), roteiro adaptado (John Huston). Warner.
A história de três americanos à procura de ouro e fortuna em território mexicano é o veículo perfeito para John Huston e Humphrey Bogart mostrarem seus talentos. *O Tesouro de Sierra Madre* é considerado superior a *O Falcão Maltês*, que Huston realizou em 1941, principalmente pelo personagem de Bogart — Fred C. Dobbs. Cheio de cenas memoráveis, como Bogart na barbearia em Tampico ou lutando com Barton MacLane num bar, tem ainda Walter Huston (o pai do diretor) como o excelente "velho" Howard. Um dos melhores, senão o melhor filme sobre a cobiça jamais realizado.



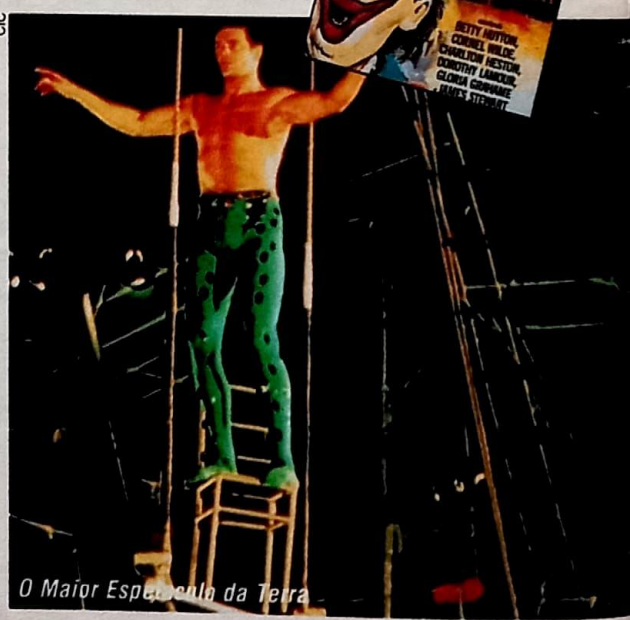
Warner

O Tesouro de Sierra Madre

SE MEU APARTAMENTO FALASSE
(The Apartment, EUA, 1959) Direção: Billy Wilder. Com Jack Lemmon, Shirley MacLaine, Fred MacMurray. Prêmios: filme, diretor, história e roteiro original (Billy Wilder e I.A.L. Diamond), montagem (Daniel Mandell), direção de arte em preto-e-branco (Alexander Trauner). Warner.
Billy Wilder foi o diretor mais ácido em relação aos costumes americanos. Normalmente, seus personagens têm de escolher entre a felicidade e o dinheiro e são vítimas de paranóia e escravidão sexual. *Se Meu Apartamento Falasse* tem todos esses valores, mas Billy Wilder os transformou numa grande piada de travo amargo. Jack Lemmon e Shirley MacLaine estão ótimos, ele como aspirante a executivo de uma poderosa investidora e ela como a ascensorista que tem um caso com o *big boss*.

20.000 LÉGUAS SUBMARINAS
(20 000 Leagues Under the Sea, EUA, 1954) Direção: Richard Fleischer. Com Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas. Prêmios: direção de arte em cores (John Meehan), efeitos especiais (Estúdios Disney). Abril Vídeo.
Imagine o furor que um submarino não faria em 1860. Foi exatamente o que Julio Verne fez — criou o submarino Náutilus (que Kirk Douglas chama de a maior casa flutuante dos Mares do Sul) e Walt Disney transformou-o no filme mais ousado dos seus estúdios. Além das aventuras, dos monstros e da luta da ciência contra o mal, as cenas do mundo

CIC



O Maior Espetáculo da Terra

Vídeo Arte

Warner

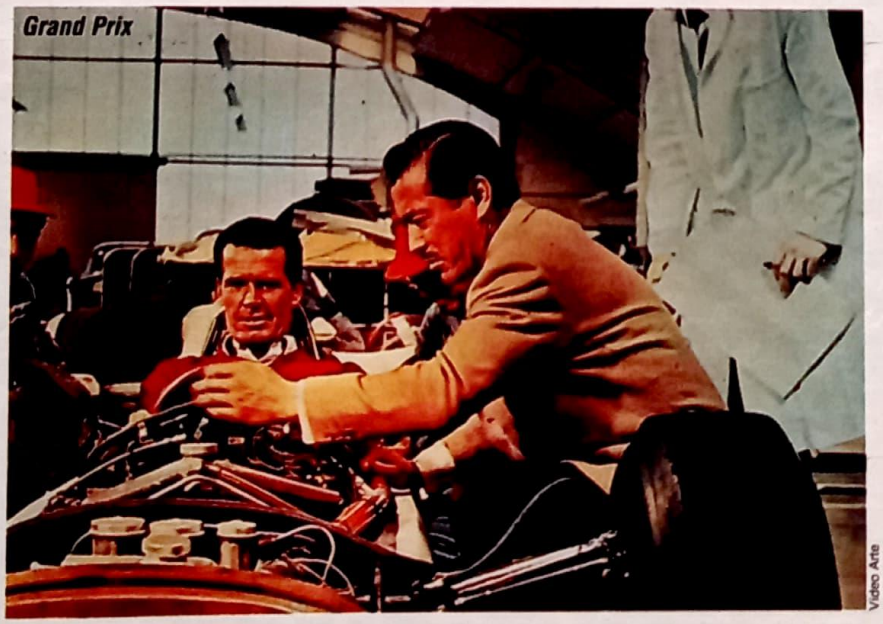
marinho são para Jacques Costeau nenhum botar defeito.

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA
(The Greatest Show on Earth, EUA, 1952) Direção: Cecil B. DeMille. Com Cornel Wilde, Charlton Heston, Betty Hutton, Dorothy Lamour, James Stewart. Prêmios: filme, história original (Frederic M. Frank, Theodore St. John, Frank Cavett). CIC.
Todo mundo vai ao circo. Se não, pode sentir a emoção da lona se erguendo, o picadeiro iluminado, o trapezista desafiando as leis da física e o domador enfrentando os selvagens leões, tudo no conforto de seu lar. DeMille fez esse épico em homenagem aos artistas circenses, mesclando aventura e romantismo com um elenco de primeira. É obra definitiva sobre o assunto.

GRAND PRIX
(EUA, 1966) Direção: John Frankenheimer. Com James Garner, Eva Marie Saint, Yves Montant, Toshiro Mifune. Prêmios: montagem (Frederic Steinkamp, Henry Berman, Stewart Linder, Frank Santillo), som, efeitos sonoros (Gordon Daniel). Vídeo Arte.
Segure-se na poltrona porque serão muitos minutos de cenas velocíssimas. Aproveite para tomar algumas aulas sobre Fórmula-1 e, depois, acompanhar o campeonato de 92. Compare, também, o poder das máquinas nas pistas e a qualidade das cenas com câmeras acopladas nos carros. É um show de automobilismo e profissionalismo cinematográfico. Dá para matar a saudade das pistas inclinadas e dos acidentes espetaculares que hoje não existem mais.

A MÁQUINA DO TEMPO
(The Time Machine, EUA, 1959) Direção: George Pal. Com Rod Taylor, Alan Young, Yvette Mimieux. Prêmio: efeitos especiais (Gene Warren, Tim Baar). Vídeo Arte.
Quem está acostumado e maravilhado com os efeitos especiais milionários de filmes como *O Exterminador do Futuro 2* não deve perder a paciência com a viagem futurística que nosso herói Taylor faz nessa ficção, baseada em história do visionário H.G. Wells. Dê uma chance e leve em consideração que antigamente os técnicos dos estúdios não tinham supercomputadores para auxiliá-los na confecção das ilusões de ótica. *A Máquina do Tempo* é sem dúvida um passeio muito divertido à suposição do que seria a Terra no ano 802 701, após infinitas guerras nucleares.

BULLITT
(EUA, 1968) Direção: Peter Yates. Com Steve McQueen, Robert Vaughn, Jacqueline Bisset, Don Gordon, Robert Duvall. Prêmio: montagem (Frank P. Keller). Warner.
Esse filme pode ser considerado o inventor das malucas perseguições de carro (principalmente nas ladeiras de San Francisco) sem recursos fílmicos. Na realidade, McQueen dispensou dublês e tomou o volante naquelas ruas íngremes. O resultado é esse policial, um tanto datado mas charmoso, cuja câmera parece espreitar o próprio espectador.



Vídeo Arte

Warner

ONTEM, HOJE E AMANHÃ
(Leri, Oggi, Domani, Itália/França, 1963) Direção: Vittorio De Sica. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni. Prêmio: filme estrangeiro. Century.
Nas mãos de De Sica, um dos mais importantes representantes do neo-realismo italiano e ótimo diretor de atores, a fogosa e exuberante Sophia Loren vive três mulheres muito diferentes: uma vendedora de cigarros que para fugir da prisão tem um filho atrás do outro; uma burguesa em busca de um amor; e uma prostituta com intenções de tirar um padre de sua vocação. A verve italiana de Sophia lhe permite encarnar cada um dos personagens com a mais profunda convicção.

UM HOMEM, UMA MULHER
(Un Homme et une Femme, França, 1966) Direção: Claude Lelouch. Com Anouk Aimée, Jean-Louis Trintignant, Pierre Barouh, Valerie Lagrange. Prêmios: filme estrangeiro, roteiro original (Claude Lelouch e Pierre Vytterhoeven). Warner.
Adrian Lyne e seu *9 1/2 Semanas de Amor* não foram os precursores do estilo videoclip em longas-metragens. Muito tempo antes, o francês Lelouch o fez com *Um Homem, Uma Mulher*. Com seu estilo de filmar com a câmera na mão, o diretor transformou essa história de amor, entre uma viúva e um piloto de corridas, permeada de erotismo chique, num cult da geração *flower power*.

CROWN, O MAGNÍFICO
(The Thomas Crown Affair, EUA, 1968) Direção: Norman Jewison. Com Steve McQueen, Faye Dunaway, Paul Burke. Prêmio: canção ("The Windmills of Your Mind", música de Michel Legrand, letra de Marilyn Bergman). Warner.
Dinheiro e sedução são os pilares desse *affair* entre o frio e calculista milionário McQueen e a bela e cínica agente de seguros Faye. A graça do filme está nos truques emocionais e nos diálogos econômicos que o excelente casal não se cansa de utilizar.

A NOITE DOS DESESPERADOS
(They Shoot Horses, Don't They? EUA, 1969) Direção: Sydney Pollack. Com Jane Fonda, Michael Sarrazin, Gig Young. Prêmio: ator coadjuvante (Gig Young). Polevídeo.
Usando todo o potencial giratório de sua câmera, Pollack fez esse drama existencialista com ritmo vertiginoso. A história é mórbida — aspirantes a extras em Hollywood participam de uma maratona de dança na qual o vencedor é o último sobrevivente — e dá um perfil da paranóia apocalíptica depois da Grande Depressão nos Estados Unidos na década de 30. Jane Fonda e Michael Sarrazin dividem os méritos com o oscarizado Gig Young, o animador da "arena de gladiadores".

DESAPARECIDO, UM GRANDE MISTÉRIO
(Missing, EUA, 1982) Direção: Costa-Gavras. Com Jack Lemmon, Sissy Spacek, Melanie Mayron, John Shea, Joe Regalbuto. Prêmio: roteiro adaptado (Costa-Gavras, Deonald Stewart). CIC.
A antipatia do grego Costa-Gavras à forma dominadora do governo americano está explícita nesse thriller político, indicado para quem suporta os horrores da tortura praticada por militares na América do Sul com a conivência e o aval americano. Assim, duramente falando, pode parecer um filme chato, mas não é, pois tem ritmo tenso e as grandiosas performances de Sissy e Lemmon.

POR VOLTA DA MEIA-NOITE
(Round Midnight, EUA, 1986) Direção: Bertrand Tavernier. Com Dexter Gordon, François Cluzet, Gabrielle Haker, Sandra Reaves-Philipps. Prêmio: trilha sonora original (Herbie Hancock). Warner.
Ladies and gentlemen, temos o prazer de lhes proporcionar uma noite com o mais puro jazz. Baseado na vida do pianista Budd Power e do saxofonista Lester Young, o filme tem como atração o também saxofonista Dexter Gordon, que interpreta com perfeição trágica um músico solitário embebido em álcool. O pano de fundo utilizado por Tavernier é o desenvolvimento do *bebop* em reação ao *swing* e em busca de novas experiências sonoras. Música e atmosfera belíssimas.

Polevídeo

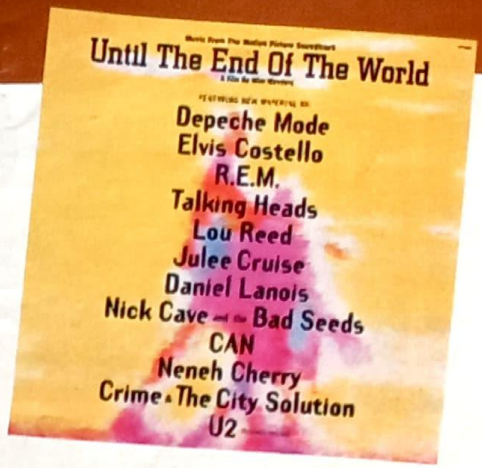
IRRESISTÍVEL

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

ESPECIAL ERÓTICOS

REVISTA SET



Rock no Fim do Mundo

Estrelas escolhidas a dedo compõem a trilha do novo filme de Wim Wenders

Uma história de amor vivida em 1999 sob a ameaça de uma explosão nuclear não teria que ser ilustrada musicalmente por uma trilha na qual predominasse o rock'n'roll. Alguns diretores talvez preferissem sons eletrônicos, temas *new age* ou alugar algum "trilheiro" de plantão para a empreitada.

Não é o caso do alemão Wim Wenders em seu mais recente filme, *Until the End of the World* (leia sobre o filme em SET, ed. 54, ano V, n.º 12), que teve sua trilha editada por aqui pela Warner. Basta dar uma olhada no repertório para se perceber que a praia de Wenders é bem outra. Ex-crítico de rock, o diretor já tinha dado bandeira de suas preferências musicais ao convocar o *slide guitar hero* Ry Cooder para cuidar dos melancólicos temas de *Paris, Texas* (1984). E também ao incluir as participações dos grupos Nick Cave and the Bad Seeds e Crime and the City Solution — ambos também presentes na trilha deste seu novo filme — em *Asas do Desejo* (1988).

Agora, porém, a inserção da música foi se desenvolvendo paralelamente ao projeto do filme — que Wenders começou a elaborar ainda no fim dos anos 70 — e só terminou de ser decidida na última hora, quando o diretor já estava em processo de edição. Surgiu de uma lista feita pelo próprio Wenders a partir de seus nomes favoritos.

O resultado foi um disco que, mesmo independentemente do filme, tem brilho próprio. E até pode induzir os respectivos fãs dos artistas convidados a irem "até o fim do mundo" com Wenders.

Celso Pucci

Roberto Amadeo

OS ILUSTRES CONVIDADOS

TALKING HEADS: "Sax and Violins"
Número romântico com toques latinos, originalmente um *outtake* do álbum *Naked* (1988), mas já idealizado para o projeto do filme. Aponta para as "latinidades" solo que David Byrne faria posteriormente.

JULEE CRUISE: "Summer Kisses, Winter Tears"
A classe e a delicadeza presentes na trilha de *Twin Peaks* se repete nesta nova produção do arranjador Angelo Badalamenti e David Lynch para a cantora.

NENEH CHERRY: "Move with Me (Dub)"
Diz-se que Neneh apresentou incontáveis *dubs* desta canção para que Wenders escolhesse o melhor. Neste caso, um palpite infeliz.

CRIME AND THE CITY SOLUTION: "The Adversary"
Guitarras ácidas conduzem este rock lúgubre e soturno, sob a égide do multiinstrumentista australiano Mick Harvey, que também comparece acompanhando Nick Cave.

LOU REED: "What's Good"
Um dos últimos nomes a serem convidados por Wenders, Lou entregou em tempo recorde (duas semanas) e de bandeja a ótima faixa de abertura do seu novo álbum, *Magic and Loss*.

CAN: "Last Night Sleep"
Pioneiro no rock experimentalista da virada dos anos 60/70, o grupo alemão retornou à ativa em 1990, depois de mais de uma década de afastamento. A velha categoria continua a mesma neste embalo flutuante.

R.E.M.: "Fretless"
Fã declarado do quarteto de Athens, Wenders conseguiu uma inspirada canção para sua trilha. Um dos dois únicos trabalhos que o grupo fez em 1991 (o outro foi uma versão para uma música de Leonard Cohen), além do consagrado álbum *Out of Time*.

ELVIS COSTELLO: "Days"
Releitura surpreendentemente boa do antigo hit dos Kinks. A única faixa que não foi concebida originalmente tendo em vista o filme de Wenders.

NICK CAVE AND THE BAD SEEDS: "(I'll Love You) Till the End of the World"
Balada apaixonada escrita por Cave, bem ao estilo despojado, e arranjada brilhantemente pelos Bad Seeds. Um *must* do disco.

DEPECHE MODE: "Death's Door"
O tecnopop arroz-com-feijão do grupo aparece aqui mais do que nunca carregado nas tintas em seus pendores dark. Só para os aficionados.

DANIEL LANOIS: "Sleeping in the Devil's Bed"
Além de também coproduzir a faixa do U2 e ter trabalhado em outra para Peter Gabriel (que acabou excluída do disco por problemas com seu selo), Lanois aparece solo neste belo *country'n'western*. Descendente direto de suas recentes produções para Bob Dylan e os Neville Brothers.

U2: "Until the End of the World"
O quarteto irlandês é aquele que, dentre os convidados, tem mais afinidades com o diretor alemão. Daí chegar com a pesada faixa-título (posteriormente lançada no álbum *Achtung Baby*). Uma espécie de retribuição por Wenders ter dirigido o clip *Night and Day* do grupo, constante na homenagem a Cole Porter, *Red, Hot + Blue*.

C.P.

VIVA MAIS
VIVA MELHOR
VIVA COM SAÚDE

Leia

CLUBE SET

Estas são as locadoras que vendem SET com exclusividade. Veja a que está mais perto de você em São Paulo.

- VIDEO FOTO MATRIZ
  Rua Jurubatuba. 1205
- CINDY VIDEO
  Rua Goitacazes. 351
- FREE POINT
  Pça. Pompeia. 15
- VIDEO 2000
  Rua Carijos. 486
- FAMILY VIDEO
  Av. Kennedy. 36
- VIDEO 2
  Rua Continental. 357
- RENT VIDEO
  Av. Kennedy. 700 - 3 º piso
- DICK VIDEO
  Rua Antonio de Barros. 1350
- VIDEO COMPANY
  Rua 7 de Setembro. 207 - Guarulhos
- BONA COM. DE FITAS
  Rua Cons. Carrão. 2094
- FOCUS CENTER VIDEO
  Rua Timóteo Penteado. 3951 - Guarulhos
- FRISSON VIDEO
  Rua Bernardino de Campos. 345
- AUDIO VIDEO STAR
  Av. Piraporinha. 1221
- OPUS VIDEO
  Rua Yolanda Suppi Bosqueiro. 116
- VIDEO UM
  Rua São Sebastião. 537
- FLASH GAMES
  Rua Vicente Leoparasse. 999
- SUMARE VIDEO
  Rua Cristovão de Burgos. 60
- ARTE VIDEO
  Rua Pintassilgo. 290
- METAL VIDEO LOCADORA
  Rua Cristovão Pereira. 1540
- VERÃO 42 (loja 1)
  Rua Brig. Gavião Peixoto. 1028
- VERÃO 42 (loja 2)
  Rua Rafael de Barros. 416
- ASSOCIAÇÃO VIDEO CLUBE DO BRASIL
  Rua Aracaju. 243
- AVANTE PREMIER
  Av. Sumare. 1271
- NEW YORK VIDEO
  Rua Gaivota. 744
- TRIGONO COM. LOC. DE GAMES
  Rua Ângelo Zanque. 521 - Penha
- LA BOMBOLA
  Rua Quantim Barbosa. 337 A
- FIRST SEVEN VIDEO LOCADORA
  Av. Pompeia. 1550
- PREMIER VIDEO
  Rua Heitor Penteado. 405
- PREMIER VIDEO
  Rua Guarara. 585
- OVER VIDEO
  Al. Santos. 463
- VIDEO HITS
  Av. Eusebio Matoso. 758
- A.G. VIDEO
  Rua Guaraiuva. 299
- TELESCREEN
  Rua Gaivota. 1467
- WILLY VIDEO
  Av. Jurucê. 327
- FANTASY HOME VIDEO (loja 1)
  Rua José Maria Lisboa. 1008
- FANTASY HOME VIDEO (loja 2)
  Rua Suzana. 139
- VIDEO DESIGN
  Rua Inacio Pereira da Rocha. 279
- ELMI VIDEO LOCADORA
  Al. Jauaperi. 1020 - sl. 2
- DREAM VISION VIDEO LOCADORA
  Av. Cidade Jardim. 702
- CLASSIC DISK VIDEO
  Al. Jauaperi. 1201
- KLAC VIDEO LOCADORA
  Al. Dos Nhambiquaras. 393
- GREEN HOUSE VIDEO
  Al. Maracatins. 114
- GO IN VIDEO
  Rua Cerro Cora. 803 - loja B
- VIDEO FIRE
  Rua Cerro Cora. 1917
- VIDEO CHEGADO
  Rua Nazare Paulista. 219
- POP ART
  Rua Heitor Penteado. 1570
- NIGHT AND DAY VIDEO LOCADORA
  Av. Vieira de Moraes. 1240
- PRO GAMES
  Rua Albion. 65 - 2 º andar
- PONTO VIDEO
  Av. João Pedro Cardoso. 601
- POLI VIDEO POSITION
  Rua Michigan. 708
- NEW GAMES
  Al. Jauaperi. 1342
- VIDDEON LOCAÇÃO DE VIDEO
  Av. Cotovia. 350
- AQUARELA VIDEO
  Rua Catão. 72
- ALEX VIDEO
  Rua Pio XI. 459
- AQUARI HUM VIDEO
  Rua Schilling. 408

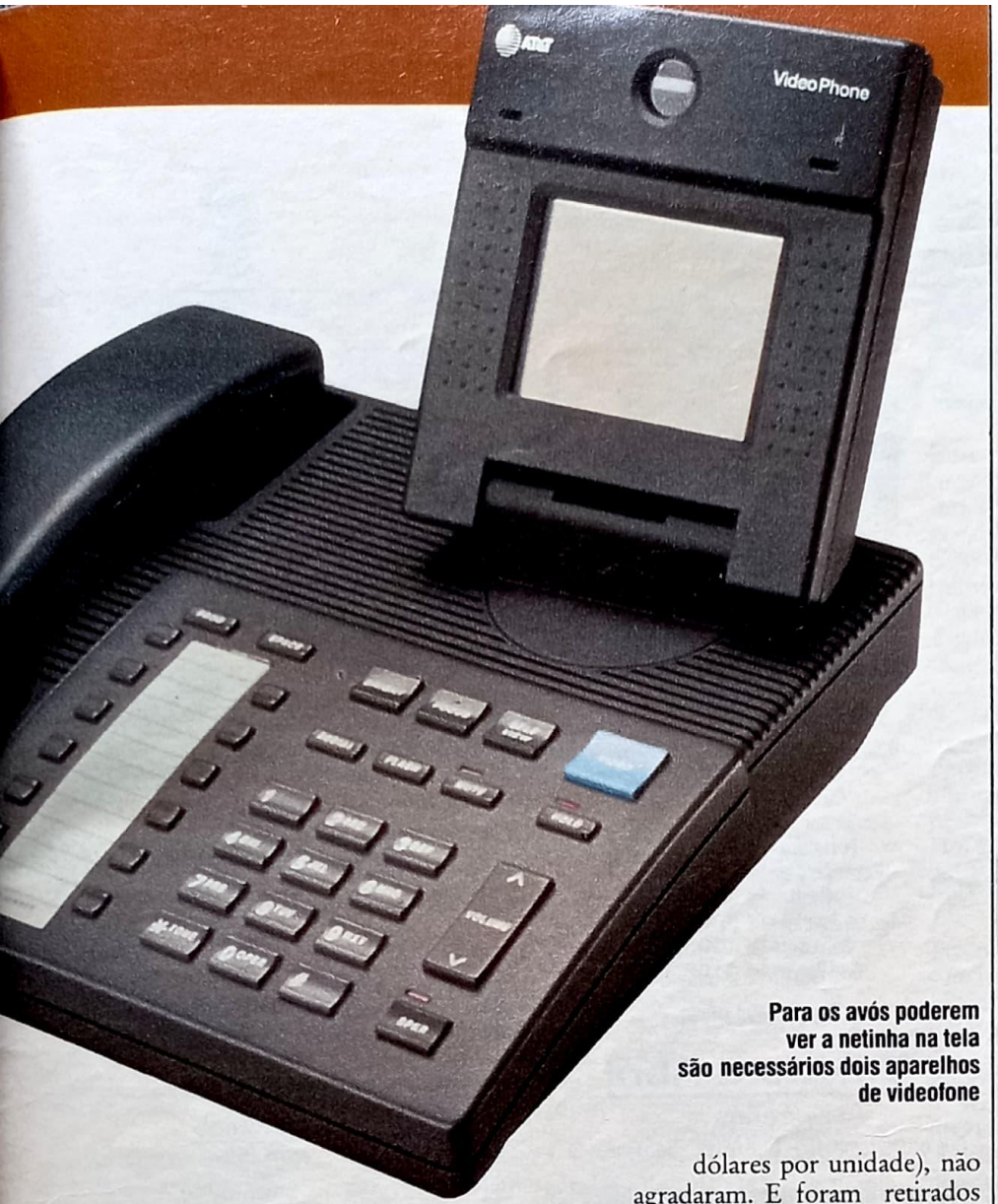
Videofone: Dos Filmes à Vida Real

Ainda como protótipos caros, o telefone com visor sai da tela do cinema para o dia-a-dia da dona de casa

A geração que hoje está entre os 30 e 40 anos conhece os aparelhos desde quando George Jetson os usava para falar com sua cara-metade, Jane. Mas os videofones — semelhantes aos telefones, mas capazes de transmitir imagens junto com sons — ainda permanecem mais ligados ao mundo de fantasia dos filmes e dos desenhos do que ao arsenal de eletrodomésticos à disposição do público na vida real. Os videofones podem existir no orelhão usado por Harrison Ford em *Blade Runner — O Caçador de Andróides*; no aparelho em que vemos Ripley (Sigourney Weaver) aceitar a missão de comandar um batalhão para destruir uma nação de monstrengos em *Aliens*; e, mais recentemente, no painel de carro em que Vacendak (Mick Jagger) atazana o juízo de seu inimigo Alex Furlong (Emilio Estevez) em *Freejack*. Mas não espere encontrar tudo isso na loja de departamentos da esquina. Pelo menos por um preço que não deixe um rombo no seu bolso impossível de consertar.

Durante a Telecom '91, exposição de produtos ligados às telecomunicações, realizada ano passado em Genebra, foi apresentada a mais nova geração de videofones. Embora a tecnologia do setor tenha-se desenvolvido imensamente desde os primeiros protótipos, os videofones ainda são um luxo para poucos. Graças a um novo sistema de transmissão simultânea de sons e imagens — o Integrated Service Digital Network, ISDN, que utiliza linhas telefônicas normais —, a quali-

Fotos AT&T



Para os avós poderem ver a netinha na tela são necessários dois aparelhos de videofone

dade da imagem pode ter melhorado, ainda que nem de longe se compare, por exemplo, à qualidade do que se vê numa transmissão regular de televisão. Mas os preços dos aparelhos os tornam quase proibitivos. Um modelo compacto, fabricado pela Hitachi, sai por "apenas" 7 mil dólares (se você quiser se comunicar com alguém, no entanto, precisa comprar um par), mas a norma geral é encontrar unidades que não saem por menos de 24 mil dólares. E, por esse preço, somente algumas empresas conseguem adquiri-los, para uso em reuniões interurbanas ou internacionais, via satélite.

Há quem diga, porém, que não existe uma demanda verdadeira pelos videofones. A base para tal argumento é o ocorrido quatro anos atrás, quando toda uma série de videofones chegou às lojas dos Estados Unidos e de lá voltou para os fabricantes, como encalhe. Eram produtos de marcas populares — Sony, Mitsubishi, Panasonic —, mas que, mesmo por preços "acessíveis" (pouco mais de 3 mil dólares por unidade), não agradaram. E foram retirados do mercado, como se nada tivesse acontecido.

Os defensores do videofone não desistem. Enquanto a Sony promove concursos de novos designs para o produto entre visionários de todo o planeta, a AT&T — a gigante multinacional de telecomunicações — anunciou para maio o lançamento de seu VideoPhone 2500, extremamente acessível e versátil, com um preço unitário estimado em US$ 1 500. O raciocínio otimista lembra que os produtos "fracassados" de 1987 transmitiam apenas uma série de imagens estanques, como se fossem câmeras fotográficas cuspindo *still* após *still*. Era o caso, também, dos "vidphones" lançados pouco depois pela firma californiana Electronic Cafe International — custavam a bagatela de 250 dólares, mas eram muito limitados, frustrantes. Agora, entretanto, o que se levaria para casa seria a mesma coisa que se vê nos filmes. Ou quase.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

SET

LETRAS TRADUZIDAS
Bizz
E
FOTOS
ALUCINANTES

O ROCK
FALANDO A SUA LÍNGUA
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Redator-Chefe: Carlos Volpato
Redação: Deborah Peleias (editora assistente), Dilson Pedro Gomes (editor executivo), Walter de Silva
Produtor Gráfico: Marcelo de Castro
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Colaboradores: Texto - Antonio Querino Neto, Celso Pucci, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Cristina Nastasi, Fátima Gigliotti, Lorena Calabria, Paulo Capuzzo, Rogério de Campos. **Arte** - Benedito Reis Minotti, Ester Angélica de Azevedo, Jair Farias. **Atendimento ao Leitor** - Jean Pierre Verdaguer. **Fotografia** - Rui Mendes, Ivan Carneiro. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

PUBLICIDADE

Gerente: Rosangela Cassilio
SP-Contatos: Ana Maria S. T. Lobo
RJ-Contato: Mônica Campos
Coordenador: José Soares A. Santos, Wladimir Xavier De Almeida

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO
Diretor: Rogério Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamim S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Departamento de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex: (011) 83178, Fax: (011) 813-9115. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, S/ 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 532-0313, Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Circulação desta revista: **março/92. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel.: (011) 823-9222.

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Tel. _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Música e Ídolos

HIT
Música, e Mercado e Negócios

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundos dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, s/ 1533 34, CEP 20020, tel.: (021) 532-0313. Telex: (021) 36890. Fax: (021) 532-1486

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990 5993. Telex (00) 237670. FAX (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

São Paulo: Av. Brig. Faria Lima, 1541 - 16.º andar, CEP 01451. Fone: (011) 814-7211, FAX (011) 212-0664

Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones (061) 223-2134/226-3644 (FAX)

Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - (0474) 33 6186 - Joinville - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR

CARTAS

Recordar É Viver

Como cinéfilo, não poderia deixar de parabenizar os organizadores desta magnífica revista. Para quem gosta de cinema e vídeo, SET cai como uma luva. Quando garoto, não perdia um capítulo da série *Thunderbirds*. Essas imagens simplesmente se apagaram da minha memória. A página 58 de SET n.º 1, ano 6, trouxe de volta essas lembranças. Recordar é viver.
Severino H. Silva
(São Paulo — SP)

Retrospectiva Excelente

SET está de parabéns pela excelente seleção da Retrospectiva 1991 (n.º 1, ano 6). Foram destacados os melhores fatos que fizeram com que 1991 não fosse tão mau para o cinema.
Jadir Marcos Correia Silva
(Recife — PE)

A edição da Retrospectiva 1991 (n.º 1, ano 6) está maravilhosa.
Rildo Cardoso
(Gama — DF)

Jodie, a Superestrela

Na edição n.º 1, ano 6, de SET, adorei ver Jodie Foster, a atriz admirável. Lembrei-me de ter lido, anos atrás, um jornalista afirmar ter ela se transformado numa matrona. Hoje todos reconhecem o talento de Jodie Foster,

Orion

já que não há nada a se negar.
Ederli Fortunato
(São Paulo — SP)

Não Tem Remédio

A seleção de vídeo, publicada na edição n.º 1, ano 6, de SET, sob o título "Rir É o Único Remédio", a qual se propôs a apresentar uma seleção de filmes hilariantes, me proporcionou uma grande frustração, pois aluguei quatro dos filmes citados e não consegui gargalhar uma só vez. Fiquei pensando se sou tão diferente assim do autor da matéria e se o termo hilariante não foi empregado com certo exagero.
Décio Luiz Bozza
(Curitiba — PR)

Mito Volta Triunfante

Lamentavelmente, SET esfumou-se nas brumas das incompreensões ao subtrair de suas edições a seção Mito, uma das mais importantes e significativas para mim, porque representava excelente fonte de história do cinema. Infelizmente, quase já não há doirando a mente humana aquilo que o dr. Pedro Calmon, com toda a sabedoria, chamou "o amor à cultura desinteressada". O homem da atualidade, por excelência pragmático e imediatista, consome todas as suas energias criadoras no "terra-terra" do cotidiano que o cerca. Já não pensa e não medita, integra-se como uma parte num todo que não sabe mesmo qual seja. Foi-se uma das belas páginas da revista, num flagrante menosprezo aos leitores em idade declinante. Aliás, pelo drama dos aposentados, deflui-se que no Brasil o único direito dos idosos é o atestado de óbito.
Aureo Batista dos Santos
(Feira de Santana — BA)

A seção Mito, cuja volta é reclamada pelos leitores na imensa maioria de suas cartas, volta à SET já no próximo número. De todas as mensagens enviadas à redação, a do leitor Aureo Batista dos Santos foi a que mais ecoou: nela está o próprio espírito eternamente jovem dos amantes do cinema. SET volta a pagar, através de Mito, um tributo a seus leitores e às personalidades que se eternizaram na arte cinematográfica.

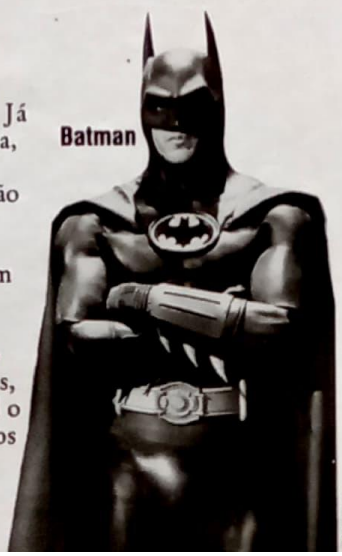
Fã-clube

Fan Club Immaculate Madonna. Endereço: rua Itapeva, 73, Buri — SP (CEP 18290)
Alexandre Palmeira

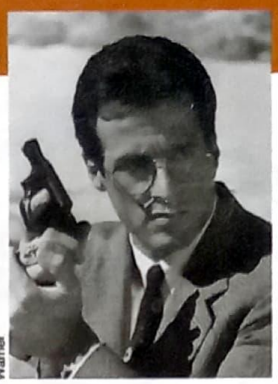
Correio Entre os Leitores

Procuro material informativo do filme *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio De Sica, e sobre o neo-realismo italiano. Endereço: SQS 413, bloco E, ap. 305, Brasília — DF (CEP 70296)
Nirton Venancio

Quero me associar a algum fã-clube de *Batman* e *Star Trek*. Endereço: rua Francisco Maria de Oliveira, 223, Campina Grande — PB (CEP 58100)
Marlon Vasconcelos



Warner


Warner

Gostaria de me corresponder com fãs do ator Sylvester Stallone. Endereço: rua Guanabara, 1559/1533, Joinville — SC (CEP 89200)
Alexandre Alberto da Cunha

Gostaria de me corresponder com fãs de cinema e vídeo para trocar informações. Endereço: rua Manoel Machado, 116, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21361)
Renato Neves

Troco correspondência com fãs de Jodie Foster, Kevin Costner, Tom Cruise e Arnold Schwarzenegger. Endereço: rua Primeiro de Maio, 283, Araxá — MG (CEP 38180)
Suzana Yoko Neuppmann

Gostaria de me corresponder com fãs dos atores Kevin Costner e Andy Garcia. Tenho vasto material de diversos artistas para trocar. Endereço: rua João Infante, 14, São Bernardo do Campo — SP (CEP 09770)
Tânia R. Ajalla

Quero entrar em contato com quem possua os filmes *Conan, o Bárbaro* e *Conan, o Destruidor* em VHS e possua também os cartazes originais dos mesmos. Endereço: rua Severino Vieira, 852, Acajutiba — BA (CEP 48360)
Marcelo Pereira de Brito

Vendo coleção de SET do n.º 1 ao n.º 54. Endereço: rua Ana Moreira, 70, Guarulhos, São Paulo — SP (CEP 07020)
Luís Cláudio Pinheiro

Gostaria de trocar correspondência com admiradores do seriado *Jornada nas Estrelas*. Endereço: travessa Inácio Weber, 82, Porto Alegre — RS (CEP 90041)
Flávio Jesus Pires

Procuro fã-clube da trilogia *Guerra nas Estrelas*. Endereço: rua Barão de Jaguaribe, 297 ap. 202, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22421)
Isabelle Fernandes Harouche

Gostaria de trocar correspondência e material com fãs da extraordinária Shirley MacLaine. Endereço: rua Assis Brasil, 209, Toledo — PR (CEP 85900)
Francisco Bartnik Filho

Armando Gonçalves

Errata

O leitor James César M.A. Souto, de Campina Grande, nos escreveu fazendo a seguinte retificação: o último filme de Billy Wilder (ficha de cine & vídeo *Sabrina*, SET n.º 1, ano 6) não é *Fedora*, mas *Amigos, Amigos, Negócios à Parte*, de 1981.

A distribuidora correta do desenho *Akira* (edição n.º 56, ano 5) é Europa. O filme só será lançado em abril, portanto não pode ser encontrado nas locadoras.

Cartas para: *Editor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo - SP.* Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

TERRA À VISTA

Frank Sinatra e Gene Kelly em *Marujos do Amor* (1945), de George Sidney

ESTA É A LOIRA QUE FALTAVA NA SUA VIDA. E NO SEU VÍDEO!

ALEC BALDWIN

KIM BASINGER

UMA LOIRA EM MINHA VIDA

Está na hora de você se deliciar com KIM BASINGER, a estonteante loira de *9 1/2 Semanas de Amor.*
Ela e ALEC BALDWIN (de *Caçada ao Outubro Vermelho*) vivem uma história repleta de desejo, sensualidade e muito humor.
Uma comédia romântica e excitante que vai seduzir você.

Peça agora na sua locadora!

abril vídeo

HOLLYWOOD PICTURES. HOME VIDEO

© Hollywood Pictures Company

INTELLIGENT MOVIE.

A Primeira Câmera VHS Compacta com Iluminação Automática.

Enquanto a nova câmera G200 Panasonic trabalha, você se diverte. Com o ultra-rápido Auto Focus Digital AI (Artificial Intelligence), e uma iluminação incorporada que funciona automaticamente. E mais: 8X Power Zoom com controle na ponta dos seus dedos. "Intelligent Movie" Panasonic - para dia e noite.

VHS
NV-S200PN

VHS
NV-G200PN

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

À venda na Zona Franca de Manaus.